

As Filhas
do
Graal
ELIZABETH
CHADWICK

TRADUÇÃO DE ESTER CORTEGANO



CHÁ DA CINCO
Livros com sexto sentido

AGRADECIMENTOS

Nos parágrafos abaixo deste, os leitores encontrarão a nota de agradecimentos original, escrita em 1993, quando *Filhas do Graal* foi publicado nos EUA. A esses agradecimentos devo agora acrescentar a minha gratidão à equipa da Little, Brown, por me dar a oportunidade de voltar a trabalhar este romance e de o ver uma vez mais publicado. Os meus agradecimentos vão para os meus editores nessa casa — Barbara Daniel, Joanne Dickinson e Sheena-Margot Lavelle.

Gostaria de agradecer a todas as pessoas que me ajudaram a escrever *Filhas do Graal*. Sem elas, de facto, *Filhas* nunca poderia ter sido escrito. Tony Sutcliffe foi quem me lançou o desafio e me iniciou no triunfo e tragédia dos cátaros. A minha investigação foi auxiliada pela minha boa amiga Alison King, e as discussões que mantivemos perante inúmeras chávenas de café proporcionaram-me valiosas perspectivas das minhas personagens.

Quero agradecer ao meu marido, Roger, por se ter encarregado sem um queixume das montanhas de roupa por passar, sempre que a necessidade surgia. Nenhum homem demonstra um maior amor. Também sou grata pelo apoio dos meus pais, que vieram em meu socorro para cuidar dos meus filho e trazer bolos fresquinhos quando havia mais tarefas no dia do que as minhas duas mão podiam dar conta.

Devo um grande agradecimento à minha agente, Carole Blake, que esteve comigo a cada passo — e normalmente à minha frente, para alisar o terreno. Um especial agradecimento para Pamela Strickler e Lesley Malin Helm, da Ballantine. *Filhas* é projecto delas tanto como meu. Juntas, plantámos, nutrimos e podámos. Sinto orgulho por as ter como editoras.

*AS MONTANHAS NEGRAS DO ALTO LANGUEDOC,
VERÃO DE 1207*

Bridget sabia que a mãe ia morrer. A dourada força de vida que devia irradiar continuamente de dentro e em volta do seu corpo não passava de um pálido bruxulear, e os seus ferimentos não reagiam à onda de energia curativa que saía das mãos de Bridget.

Fora da caverna na montanha em que se abrigavam, uma tempestade de Verão varria todo o Alto Languedoc. Bridget sentia os relâmpagos dentro de si e via a sua luz ofuscante através das pálpebras quentes e cansadas. Ela nascera durante uma tempestade como aquela, e o poder dos relâmpagos estava nas suas veias. Era um sagrado dom de vida, uma manifestação das forças da Primeira Luz. Mas nessa noite viera para lhe levar a mãe.

— Não me abandones — sussurrou Bridget numa voz sufocada de lágrimas. — Por favor, não te vás; tenho tanto medo. — Inclinou o rosto sobre a mão da mãe. Os seus dedos estavam incrustados de sangue, apenas carne viva onde recentemente se viam bem aparadas unhas cor-de-rosa. Os pulsos finos ostentavam gotejantes pulseiras vermelhas no local onde as grilhetas lhe tinham queimado a pele. Estas feridas teriam sarado com o tempo, mas não a que havia sobre a testa de Magda, onde os padres tinham gravado até ao osso com ferro quente a cruz que ela se recusara a beijar. Bruxa e herética, tinham-lhe chamado, imunda meretriz do demónio. A sua pobre mãe, que nunca fizera nem desejara mal a ninguém na sua vida.

As pestanas da mãe agitaram-se e ergueram-se.

— Tens muitos anos para viver — sussurrou —, e um dever a cumprir; tu és a última da minha linhagem. — A sua garganta moveu-se quando ela se esforçou por engolir. Bridget ajudou-a a beber de um pequeno copo de madeira que enchera com água da nascente ao fundo da caverna.

Magda bebeu, embora a maior parte do líquido lhe escorresse pelo queixo. Os seus olhos cinzentos eram grandes e luminosos, toda a força de vida que lhe restava concentrada naquele olhar.

— Tens de encontrar um consorte, quando a Lua estiver no tempo certo, para semear o teu ventre. Esta é a maneira como sempre foi, desde que os grandes círculos de pedra foram erguidos, antes de o espinho sagrado ser plantado.

— Mas o tio Chretien... — começou Bridget a dizer, lançando um olhar involuntário por cima do ombro na direcção da escura boca da caverna.

— O teu tio não se intrometerá no teu caminho. Ele é um cátaro, e para os cátaros o celibato é necessário; mas ele sabe que não será assim para ti.

Bridget procurou o som de passos lá fora, mas apenas ouviu o vento que assobiava por entre as definhadas árvores na encosta e as chibatadas da chuva. O seu tio Chretien e o companheiro Matthias tinham ido procurar abrigo para os cavalos. Não havia espaço na caverna, mas Matthias notara um abrigo de cabras em ruínas mais abaixo na ladeira. Embora ficasse mais perto da aldeia, não era provável que houvesse alguém fora de casa para os ver, com aquele tempo.

A fogueira que ela acendera anteriormente começava a fenecer e a mão da mãe pousada na sua estava gelada. Bridget pôs mais lenha sobre as brasas. Fechando os olhos, procurou dentro de si e extraiu a sua força vital sobre a forma de um fio brilhante como um relâmpago. As chamas surgiram por baixo da mão estendida que ela passou sobre a fogueira, saltando como que de uma mola ao seu comando. As estranhas figuras de animais pintadas nas paredes da caverna agitaram-se com uma ilusão de vida no clarão de luz e contraste de sombra. Bridget sabia que, se mergulhasse mais fundo no seu transe, veria pequenos homens de pele cor de azeitona a marcar as paredes com paus enegrecidos ao lume, pintando imagens das suas presas para invocar o sucesso na caçada. Ouviria os seus cânticos sagrados e provaria o sabor do fumo da sua fogueira, a arder onde ardia agora a dela.

Chama sobre chama, ela sentiu a conexão antes de retirar a mão e se voltar novamente para a sua mãe.

— É tão difícil de suportar — disse ela suavemente, e ouviu a própria voz ecoar pelas paredes com a nota desamparada de uma criança perdida.

Magda estava mais imóvel do que as pinturas. Embora os lábios da mãe não se movessem, as palavras entraram na mente de Bridget com precisa claridade.

— O caminho da nossa linhagem nunca foi de outra maneira. Sempre encontrarás pedras lançadas no teu caminho, mas, se as desviares, encontrarás o amor e a coragem para continuar.

Um tremendo raio de luz fendeu a noite, soltando rochas na montanha e lançando-as a ribombar pela encosta abaixo. Um trovão explodiu por cima delas e, enquanto os ecos se ouviam em volta da caverna, Bridget sentiu o calor de um beijo na sua face e depois na testa em terna bênção.

— Mãe! — O angustiado grito de Bridget fundiu-se com a queda do trovão e sobreviveu-lhe, mas Magda não respondeu. O seu corpo maltratado e exausto estava inerte e sem vida: uma concha abandonada. Bridget chorou baixinho, e depois abafou o som por detrás de lábios comprimidos. A sua mãe estava agora com a Primeira Luz, estava livre de dores e perseguições. Só tinha razão para chorar por si própria.

Beijou o rosto ferido e cavado e removeu cuidadosamente um amuleto de prata do pescoço da mãe, pendurando-o em volta do seu, onde tilitou suavemente contra outro idêntico — um desenho gravado de uma estrela de seis pontas dentro da qual uma pomba se erguia de um cálice.

À entrada da caverna, ouviu vozes masculinas levantarem-se entre a tempestade. Uma era rica, profunda e confiante. A outra voz, mais ligeira, continha os tons exóticos do Outremer¹. Ensopados até aos ossos, os dois homens pararam sob a saliência baixa à entrada da caverna e depois entraram. A conversa cessou assim que os seus olhos se detiveram sobre Bridget. O seu tio Chretien susteve a respiração quando o seu olhar a deixou para pousar na forma imóvel junto à fogueira.

— Que ela possa caminhar na Luz — disse ele com compaixão. — Ela possuía um espírito perfeito.

O seu companheiro, mais baixo e de barbas cinzentas, aproximou-se de Magda e agachou-se. A sua mão direita estava gravemente mutilada, faltando-lhe o polegar e mais dois dedos, e os cotos eram de um vermelho franzido e zangado. Tocou a brilhante trança negra de Magda com os dedos que lhe restavam.

— Era ainda tão jovem — disse ele numa voz que estava perto de se quebrar. — Deviam ter-me levado antes a mim.

— Ter-nos-iam levado a todos, se lhes dessem a oportunidade. — Com um profundo cansaço nos olhos, Chretien abriu os braços para Bridget, que, soltando um pequeno grito ferido, correu para ele, sem se importar com as suas roupas molhadas pela tempestade. Ela sempre soubera que o caminho que percorria era solitário e perigoso, mas nunca antes o sentira tão intensamente como agora.

Mais tarde, quando já tinha lavado e preparado o corpo da sua mãe

¹ *Outremer*: Em francês no original. Significando «terras do ultramar» ou «além-mar», designava, de uma forma geral, os estados cruzados na Terra Santa. (N. da T.)

para o túmulo, Bridget sentou-se em frente à fogueira, um copo de vinho forte entre as mãos, e olhou por entre o fumo para os dois homens que eram agora a sua única família — Matthias, o escriba, e Chretien, o irmão mais novo do seu pai. Durante seis anos, ela e a mãe tinham viajado com eles, visitando as aldeias para pregar a via cátara e oferecer cura e conforto aos doentes. À medida que a sua fama crescia, crescera também a hostilidade da Igreja Romana, para quem o catarismo era uma cancerígena heresia a extirpar a todo o custo.

O pai dela fora de persuasão cátara. Morrera de uma febre quando Bridget tinha dez anos, mas ao menos morrera na sua cama e livre de perseguição. Na altura, os cátaros podiam movimentar-se abertamente, sem medo de ser assolados pela Igreja de Roma. Agora as coisas eram diferentes. O seu olhar voltou-se para o corpo da mãe, amortalhado num cobertor puído. Quando a ave canora desaparecia, tudo o que restava era uma gaiola vazia.

— Quando a tempestade passar, temos de partir — disse ela aos homens. — Não temos nada a fazer neste lugar.

Chretien pareceu preocupado.

— Para onde iremos? Apenas os remotos lugares mais altos como Roquefixade e Montségur são seguros, hoje em dia.

Quando ele disse «Montségur», a visão de um castelo engolido pelo fogo tremeluziu no olho interior de Bridget. Ela viu um céu nocturno coroadado de relâmpagos e ouviu os gritos de centenas de pessoas erguidos em sofrimento.

— Não, Montségur não — replicou ela com um breve abanar da cabeça. — Ainda temos muitos amigos que nos darão abrigo e protecção.

— E eu preciso de obter pergaminhos frescos e penas — disse Matthias. Inconscientemente, esfregou a mão direita mutilada com os dedos da esquerda.

Chretien acenou num sinal de concordância, mas continuava de sobrolho franzido.

— Sobrinha, eu ficaria mais feliz se te deixasses ficar pelas montanhas. Há demasiados olhos à espreita nas vilas da planície.

— Não — respondeu Bridget resolutamente. — Ainda não é tempo para isso. Se me retirar agora do mundo, não encontrarei o pai da minha filha, e foi o desejo da minha mãe no seu leito de morte que eu tomasse um companheiro.

Chretien olhou para a fogueira sem uma palavra, embora o seu maxilar se contraísse. Bridget suspirou suavemente. Para cátaros como o seu tio, gerar uma criança era encurralar um espírito imortal em carne conspurcada. Para a mais antiga religião da mãe, era um sacramento. Ela sabia

que, embora desaprovasse, Chretien não a pressionaria a mudar. Com um igual respeito, ela não procurava persuadi-lo da necessidade da sua causa.

No silêncio que se gerou, outra imagem perpassou a sua mente — a de uma vigorosa e robusta mulher de meia-idade, de faces vermelhas, pesadas tranças de cabelo cinzento-ferro e um enorme sorriso.

— Iremos ao encontro de dona Geralda, em Lavour — disse ela, com calma determinação. — É uma catarata convicta e vai socorrer-nos neste momento.

Chretien ergueu uma mão para aliviar o rosto quente do calor da fogueira.

— Se não vais para as montanhas, então Lavour é provavelmente a segunda melhor alternativa — disse ele, com um relutante aceno de cabeça. — Matthias?

Bridget ouviu o hesitante acordo de Matthias e soube que, com ou sem a aprovação dos homens, ela ia para Lavour. A cidade em si não era importante; ela não captara nada da sua essência na visão que tivera, mas a estrada que lá levava, sim. Experimentava uma sensação de aperto no seu âmago, revirando e contraindo os seus macios órgãos internos, como se a criança que a mãe desejara que ela concebesse estivesse já a pontapear o seu ventre. Quando levou a mão à barriga lisa, o sentimento desvaneceu-se, mas não a certeza de que as decisões que agora tomava eram essenciais para o futuro.

Com uma prudência invulgar para os seus vinte e um anos, Raoul de Montvallant cobriu o cálice veneziano com a palma da mão e abanou a cabeça para o escudeiro que se inclinara para o voltar a encher. Não que lhe desagradasse o vinho; de facto, numa ocasião diferente, ele teria bebido tanto como todos os outros jovens presentes, mas nessa noite tinha uma boa razão para permanecer sóbrio.

Deixou que o seu olhar insaciável se escapasse novamente para essa razão — a sua noiva, Claire, a quem fora prometido desde a infância. Na última vez que a vira, ela tinha um sorriso desdentado e lama na bainha do vestido, de chapinhar nas poças depois de um aguaceiro de Verão. Hoje, o seu sorriso era deslumbrante e completo. A bainha do seu vestido estava bordada não de lama mas com losangos de fio de ouro que cintilava contra um fundo de sumptuoso samito verde. O seu cabelo, deixado solto para proclamar a sua virgindade, brilhava como seda em fogo e Raoul queria passar os dedos pelas suas ondas para descobrir se era tão macio como parecia. Ela lançava-lhe constantemente rápidos olhares, e os seus olhos tinham o castanho opulento do mel dos bosques. Raoul tentou pensar em algo para dizer que não parecesse usado ou banal, mas deu por si completamente perdido. A linda criatura ao seu lado não apresentava qualquer semelhança com a rapariga magricela que ele recordava. A noção de que em breve estariam ambos a sós, na cama, e nus, roubava-lhe todos os pensamentos coerentes.

Embora não tivesse vasta experiência com mulheres, Raoul visitara algumas vezes as *maisons lupanardes* de Toulouse, onde uma das meretrizes tivera o capricho de lhe ensinar que existia mais prazer para além da breve e rude simplicidade dos seus primeiros encontros. Claire, porém, era inocen-

te, uma virgem, e não era provável que o viesse a ajudar, se ele se mostrasse desajeitado. Era também bastante desejável e ele ardia de desejo ao ponto de duvidar do seu próprio controlo. Estendeu a mão para o seu copo, depois lembrou-se de que este estava vazio por aquela mesma razão e pousou-a novamente sobre a mesa.

— Desejoso de a provar, não? — riu o padre Otho, o sacerdote que oficiara ao seu casamento na poeirenta e negligenciada capela do castelo. — Não o condeno. Nem eu me importava de lhe pôr o freio! — Mordeu um doce de maçã e mastigou-o lascivamente.

Raoul cerrou o punho e pensou em lançá-lo contra o rosto sobrealimentado do sacerdote. O padre Otho era um lúbrico glutão que cuidava dos seus próprios bolsos e prazeres acima das necessidades do seu rebanho, que, sob a sua desmazelada direcção, era pequeno e indiferente.

— Então ainda bem que fez um voto de celibato — ripostou Raoul.

O sacerdote arrotou.

— Há sempre espaço para diferentes interpretações, no meu entender. Para conhecer o pecado, há que lutar com ele primeiro. Isso mesmo, rapaz, enche-o bem, enche-o bem! — Fez um gesto imperativo para o escudeiro, depois ergueu o seu cálice a transbordar e inclinou-se para o pai de Raoul. — Uma magnífica adega que aqui tem, meu senhor!

Berenger de Montvallant ofereceu a Otho um tépido sorriso que não se estendia aos seus olhos.

— E ele vai esvaziá-la antes de a noite terminar — murmurou Raoul para o pai quando a atenção do clérigo se desviou para uma bonita serviçal que atendia à sua noiva.

— Se ele não fosse meu primo em segundo grau e eu não tivesse prometido ao pai que lhe daria aqui um lugar, há muito tempo que o teria mandado embora — disse Berenger com uma careta. — Será de admirar que os cátaros floresçam entre nós, quando selhas de banha como esta governam o clero?

Raoul observou a mão rechonchuda de Otho mergulhar num prato de amêndoas açucaradas, agarrá-las, levá-las aos lábios húmidos e atafalhá-las na boca ávida. Sentiu-se nauseado e desviou o olhar. Três peregrinos tinham acabado de chegar ao salão de banquetes. As suas capas e chapéus de abas largas estavam poeirentos da viagem. Alein, o escudeiro do seu pai, encontrou-lhes lugares para se sentarem nas apinhadas mesas junto da porta. Eram dois homens, um por volta dos quarenta anos, o outro, uns dez anos mais velho. Sentada entre eles e a agradecer a Alein com um caloroso sorriso estava uma jovem mulher. Os ossos que formavam o seu rosto eram demasiado fortes para lhe dar beleza, mas havia alguma coisa para além do seu aspecto que a tornava totalmente hipnotizante.

Cheio de curiosidade, Raoul estudou-a, perguntando-se de onde viria ela e para onde ia. Os peregrinos paravam ocasionalmente em Montvallant a caminho de Toulouse, mas, de uma forma geral, pediam hospitalidade na igreja em Villemur.

Uma criada debruçou-se sobre a mesa para servir mais pão e vinho, escondendo a jovem da vista de Raoul. Ele inclinou o pescoço, tentando mantê-la no seu campo de visão. Os músicos, que tinham estado a tocar baixinho durante os variados pratos do banquete, mudaram de ritmo e os vivos acordes de uma jiga encheram o salão. O pai deu-lhe uma cotovelada.

— Não vais dançar com a tua noiva? — provocou-o Berenger. — As pessoas estão à espera que a convides.

Raoul apercebeu-se dos olhares expectantes dos convidados da boda. Mortificado, ergueu-se apressadamente e, voltando-se para Claire, estendeu-lhe a mão para a ajudar a levantar-se. Ela corou e pousou os dedos finos nos dele. O ouro novo do seu anel de casamento brilhava como uma promessa. Raoul esqueceu a peregrina quando conduziu a sua noiva para o espaço que fora aberto no salão, esqueceu tudo para além da sensação daquele corpo esguio que ora tocava ligeiramente o seu, ora se afastava, à medida que rodopiavam nos antigos passos da celebração.

— Mais pão, Bridget? — Chretien ofereceu à sobrinha o cesto com pequenos pãezinhos.

Ela recusou com um sorriso.

— Não conseguiria comer nem mais um pedaço.

Pousando os cotovelos sobre a mesa, observou os dançarinos com olhos melancólicos. Eles pertenciam a outro mundo, um que ela podia ver mas nunca penetrar. Uma parte de si ansiava pelas cores, as festas e a descuidada exuberância que não se preocupava com nada para além do momento. Por vezes era muito difícil ser quem era e ser o que era.

Os dançarinos rodopiaram na sua direcção, o jovem noivo encurralado no meio de um grupo de outros homens. Ele ria enquanto tentava sem grande esforço escapar às suas mãos. Bridget conteve o fôlego ao vê-lo mais de perto. Sentiu o magnetismo do jovem corpo vigoroso e a alegria que dele irradiava. O seu próprio corpo reagiu como a corda tangida de uma harpa. Baixou o olhar para a mesa e fixou-o numa escura mancha de vinho na madeira, o seu coração acelerando e a pele a vibrar de sensibilidade.

O salão irrompeu em aplausos e gritos, assobios de aprovação e brados de encorajamento quando o noivo foi conduzido para as escadas da torre.

— O que é que se está a passar? — perguntou Bridget a uma mulher sentada à sua mesa.

— O que é que se vai passar, quer a menina dizer! — gracejou a mulher. — Está na altura de o senhor Raoul e a sua noiva serem levados para a cama para cumprirem o seu dever!

— Ah! — soltou Bridget. Fora por isso que ela sentira o seu vigor, uns momentos antes, mas nessa noite esse vigor já tinha um objectivo. A nova esposa, rodeada pelas suas damas, estava a ser conduzida do dossel para um diferente lanço de escadas. Ela tinha o andar gracioso de uma corça e os mesmos modos tímidos e perplexos.

Silenciosamente, Bridget desejou felicidades ao casal.

— Sobrinha? — Chretien inclinou-se na sua direcção, um olhar de preocupação no seu rosto. — O que tens?

Bridget forçou-se a sorrir. Como poderia ela explicar que o seu corpo estava a vibrar de desejo de estar no lugar da noiva nessa noite?

— Estou esmagada com toda esta abundância — disse ela —, e muito cansada. Já passa da hora de ir em busca da minha enxerga. Não, terminem o vosso vinho. Eu gostava de ter um pequeno momento a sós, antes de dormir.

Pressionou-lhe ligeiramente o braço e afastou-se do sagaz escrutínio do seu tio.

Lá fora, o morno ar da noite transportava o perfume do carvão quente e da carne a cozinhar nos braseiros que ardiam no pátio. O som do alaúde e da flauta, o bater dos tamborins, seguiam implacavelmente Bridget, ricocheteando nas suas virilhas em regulares ondas de desejo. Ela parou para encostar a testa contra a pedra fria das paredes do castelo e respirou profundamente, procurando acalmar-se.

— Bridget? Bridget, minha querida?

Ela olhou para cima para ver uma mulher alta que se aproximava rapidamente.

— Geralda? — Bridget deu um passo em frente e foi envolvida num forte abraço maternal.

— Acabei de ver Chretien e Matthias no salão e eles disseram-me que te encontraria aqui fora. Deixa-me olhar para ti! — Ainda agarrando Bridget pelos ombros, Geralda de Lavaur examinou-a atentamente. — Tão parecida com a tua mãe. — Lágrimas brilhavam nos seus escuros olhos de avelã. — Chretien contou-me que a mataram. Tenho tanta pena.

— Ela está junto da Luz. — Bridget pestanejou com os olhos igualmente cheios de lágrimas. — Foi apanhada por uns frades pregadores a curar uma mulher doente numa das aldeias da montanha. E foi torturada. — A sua voz quebrou-se. — Sinto tanto a sua falta.

O abraço de Geralda fechou-se novamente em sua volta e Bridget estremeceu e deu livre expressão a uma tempestade de dor e lágrimas, en-

quanto Geralda a abraçava e confortava como a uma criança. Finalmente, recompondo-se, Bridget fez um esforço determinado e afastou-se.

— O meu tio contou-lhe que íamos a caminho de Lavaur, ao seu encontro?

— Disse, sim, e são muito bem-vindos. Tenho alguns novos manuscritos que quero que Matthias veja. O povo quererá ouvir Chretien e procurar as tuas curas. Os frades não ousarão interferir comigo! — Os seus olhos reluziam de ferocidade.

Bridget sabia que Geralda tinha todas as razões para estar confiante. O seu irmão, Aimery, era um dos mais importantes guerreiros no Sul. Todas as razões, e, no entanto, a bruxuleante luz das tochas pintou negros buracos sob as maçãs do rosto de Geralda, e aprofundou-lhe as órbitas de sombra, até a sua face se transformar numa caveira.

A tremer, Bridget começou a caminhar na direcção do pequeno abrigo que ela e os seus guardiães tinham montado encostado às muralhas junto do portão principal. A sua sensação de mau agouro aumentou quando ela e Geralda passaram a casa do poço. Por um momento, Bridget soube que, se o permitisse, a visão viria com horrível claridade para lhe mostrar o que ela não desejava ver. Fechou a sua mente, expulsando a premonição, apagando-a da existência. Como forma de distracção, interrogou a amiga a respeito do casamento.

Geralda não podia estar mais desejosa de a satisfazer.

— Eu conheço o Raoul desde que era criança de colo — disse ela calorosamente. — É meu afilhado, sabes? Ou era, quando eu pertencia à igreja de Roma. Ele e Claire estão prometidos desde que eram pequenos. Parecem feitos um para o outro, não parecem?

Bridget murmurou que pareciam, com efeito. O seu olho interior não recusou ser bloqueado e encheu-se com outra imagem, a de Raoul de Montvallant e a sua noiva, os membros entrelaçados sobre frescos lençóis de linho. Febril calor corporal. Enquanto Geralda continuava a tagarelar, Bridget viu a Lua erguer-se sobre as muralhas do castelo, adornando de prata o céu, e viu um homem e uma mulher, viu luz e escuridão e fogo.

A tremer de tensão, Claire entrou na alcova onde passaria a sua noite de Anúncias. Tapeçarias bordadas de escarlate, azul e ouro adornavam as paredes e afastavam as correntes de ar, e, onde não havia tapeçarias, o estuque era pintado com delicadas figuras representando flores, vinhas e rolos de folhagem.

A grande cama de madeira de nogueira dominava a sua consciência. Os reposteiros de damasco azul e escarlate tinham sido recolhidos para revelar uma colcha de fina seda azul-escura trabalhada com luas e estrelas de fio de prata. As criadas tinham-na dobrado para trás, deixando ver um travesseiro e lençóis de prístino linho branco que aguardava a inscrição do seu sangue virginal. Se as suas pernas não estivessem a tremer de medo, ela teria fugido do aposento.

Uma criada tinha deixado uma infusão de vinho e especiarias a ferver na lareira. Beatrice, a mãe de Raoul, conduziu Claire até perto do fogo e fê-la parar sobre um tapete de carneiro enquanto as serviçais a despiam.

— Este é um dia feliz para mim. — Beatrice beijou Claire afectuosamente. — Estou mais do que orgulhosa de te chamar minha nova filha.

Claire tentou sorrir, mas o seu estômago estava apertado em centenas de nós. Gostava de Beatrice, mas ela não substituíra a sua própria mãe, Alianor, que partiria no dia seguinte. A âncora de Claire deveria ser agora a sua nova família, mas ela sentia-se como se tivesse sido deixada à deriva num vasto e perigoso oceano.

Pensar em Raoul deixava-a trémula. O que diriam um ao outro? Ou será que não teriam de dizer nada? As criadas trocavam risinhos en-

quanto salpicavam a cama de ervas, para promover a fertilidade. Claire não era ignorante. Alianor encontrara-se sozinha com ela várias semanas antes do casamento para explicar todas as alegrias e deveres de se ser uma esposa. Ela vira animais a acasalar no pátio e galos galarem as galinhas. Uma vez, nos estábulos, surpreendera um palafrenero a erguer-se de entre as pernas abertas de uma criada da cozinha, por isso sabia o que acontecia aos homens quando excitados. A sua mãe dissera que o acto era, supostamente, um prazer, mas Claire não conseguia imaginar como seria isso possível. Se tinha de haver sangue, de certeza que estaria envolvida alguma dor.

As suas damas soltaram-lhe o véu de gaze e grinalda de flores de ouro do cabelo e a mãe levou uma escova às ondas castanhas para as pentear e lhes dar lustro.

— Filha, tu és bela — disse Alianor como que por entre uma névoa. — Estou tão orgulhosa de ti. Quem me dera que aqui estivesse o teu pai para ver o dia do teu casamento.

Claire engoliu em seco, incapaz de responder. Normalmente recor-dava o pai, que falecera cinco anos antes, com suave e melancólica afeição, mas nessa noite não tinha espaço na sua mente para mais nada excepto o seu próprio medo. Obedientemente, erguia e baixava os braços sob as ordens das mulheres e viu as roupas amontoarem-se sobre o seu suporte até ficar nua. Perto do fogo, não estava frio, mas a sua pele estava toda arrepiada. Fresca seda deslizou-lhe pelos ombros quando foi enfiada num largo roupão, e o cabelo penteado por cima dele era uma faixa de cor resplandecente. Sentia-se dormente. As pessoas falavam com ela, mas não ouvia o que lhe era dito.

A porta foi aberta de rompante por um turbulento grupo de homens, Raoul enfiado no meio deles e nu por baixo da sua capa. Um estridor de ruidosas gargalhadas e bem-humorados gracejos encheu o quarto. Arriscando um rápido olhar a Raoul, Claire viu que a cor no seu rosto era intensa e o sorriso tão fixo e nervoso como o dela.

Beatrice colocou um copo de vinho quente entre as mãos de Claire.

— Bebe e toma coragem — sussurrou.

Claire ergueu o copo e bebeu. O gosto da canela e do quente vinho tinto inundou-lhe a língua. Raoul juntou-se a ela e retirou-lhe o copo das mãos, levando os lábios ao local onde ela bebera. Ao mesmo tempo, colocou a mão livre na sua cintura. Os jovens convidados, e alguns dos mais velhos, que tinham trazido os seus copos, brindaram um encorajamento. Claire corou. A palma de Raoul parecia queimar através do fino robe de seda até à sua espinha.

O padre Otho começou a abrir caminho à cotovelada até ao centro

para executar a bênção que limparia e purificaria o leito matrimonial e abençoaria quaisquer frutos ali gerados. Estava embriagado, com os olhos pretos húmidos e desfocados.

— Ora, ora. — Olhava lubricamente para Claire. — Parece que foi há um momento que era um pequeno botão no seu caule e agora vede a rosa aberta, pronta para ser muito bem colhida! — Enfiou o polegar da mão direita no punho fechado da esquerda num gesto que era inequívoco.

Fúria e vergonha cresceram no peito de Claire. Podia aceitar gracejos ligeiros; faziam parte da tradição nupcial. Todos os noivos e noivas eram provocados na sua noite de núpcias, mas não pelo padre, de rosto congestionado de álcool e luxúria. Raoul ia investir contra ele, mas foi contido pela mão da mãe no seu braço.

Berenger de Montvallant disse por entre os dentes cerrados:

— Padre, sugiro que se confine às palavras de bênção.

Otho tentou endireitar-se, mas apenas conseguiu encostar-se a um dos convidados.

— Que falta de sentido de humor — balbuciou, enquanto tentava precariamente manter o equilíbrio. Esticando o lábio inferior como uma criança amuada, aproximou-se do leito e deu início à bênção. Atropelou as palavras e não as disse nem na ordem nem na forma correcta, antes de salpicar a cama ao acaso com água benta. Respirando tão ruidosamente como um mastim, apresentou a Claire e Raoul uma cruz, para a beijarem.

Claire sentiu-se nauseada. Não teria ficado surpreendida se visse uma cauda bifurcada por baixo das saias do hábito de Otho. Incapaz de se obrigar a tocar a cruz com os lábios, ela beijou o ar acima dela. Também Raoul beijou o ar, com o rosto tenso de fúria reprimida. A fivela de ouro da sua capa cintilava com a sua rápida respiração.

O padre Otho arrotou.

— Vamos lá então ao trabalho, rapaz — disse ele. — A ver se temos um belo lençol ensanguentado para mostrar de manhã, está bem? — O seu sórdido divertimento terminou num guincho quando Raoul o agarrou pela garganta.

— É uma pena que não viva para o ver! — rosnou.

O rosto de Otho escureceu. Um ruído surdo ergueu-se da sua traqueia e ele agarrou-se ao pulso de Raoul, com as veias da testa a pulsar. Passado um momento, Berenger interveio, mas não foi sem esforço que retirou a mão do filho da carne manchada da sua vítima. Otho caiu no chão, agarrado ao pescoço e a silvar.

— Deixa-o ir — disse Berenger. — Não vais querer manchar a tua noite de núpcias com um crime.

— Não? — Abrindo e cerrando a mão, Raoul olhava para o padre semiconsciente que ofegava aos seus pés.

Berenger fez um gesto peremptório a um par de criados.

— Levem o padre Otho lá para fora e deixem-no ali até ficar sóbrio — ordenou. — Tão perto da estrumeira quanto é ditado pelo seu comportamento.

— Sim, meu senhor. — Com sombria satisfação nos rostos, os homens ergueram Otho e levaram-no para fora da alcova, batendo descuidadamente com a cabeça dele na parede à saída.

Berenger apresentou as suas desculpas a todos em volta, ainda de rosto afogueado.

— Está na hora, parece-me, e bem na hora, de deixarmos noiva e noivo em paz — disse ele bruscamente, e solicitou aos convidados que saíssem do quarto. Depois voltou-se para abraçar com ternura primeiro Raoul e depois Claire.

— Não podem deixar que isto vos estrague a noite.

— Não, senhor, pode ter a certeza que não — disse Raoul com um sorriso forçado.

Os últimos convidados partiram e a aldraba caiu sobre a porta. Para se impedir de entrar em pânico, Claire dirigiu-se para o jarro que a criada deixara a aquecer na lareira e, atirando com os restos frios do seu último copo para o fogo, voltou a enchê-lo. O silvo do líquido a evaporar chocou contra o silêncio. Num semitranse, Claire ficou a olhar para as irregulares muralhas de fogo. Quando provou o vinho, foi como beber o coração do fogo. O calor inundou-lhe o rosto, mas não conseguia apartar os olhos dos golpes de luz e da escuridão que espreitava por trás.

Raoul regressava de barrar a porta e ficou horrorizado ao vê-la tão perto das chamas. Exclamando que ela iria deitar fogo às suas vestes, apressou-se a afastá-la dali. Claire pestanejou ao olhar para ele, vendo-o entre centenas de línguas de chamas, e levou a mão à testa.

— Claire? — Ele segurou-a pelos ombros e olhou ansiosamente para o seu rosto.

— Desculpe. — Ela baixou a mão. A sua cabeça parecia-lhe leve, e ao mesmo tempo demasiado pesada para o seu pescoço a suportar. — Tem sido um dia longo, é só isso.

— Em mais do que uma maneira. — Raoul fez uma careta. — Juro que não teria sentido remorsos em estrangular o padre Otho.

A memória da maneira como o padre profanara a sua alcova nupcial quando a devia ter abençoado aumentou a sua perturbação e cansaço. Um nó doloroso começava a inchar-lhe na garganta, tornando-lhe impossível

engolir. Tentou reprimir um soluço, mas o esforço fê-la comprimir os ombros e denunciou-a.

— Claire, não, por favor, não suporto vê-la chorar. — Raoul puxou-a contra o seu corpo vigoroso. Claire encostou o rosto à capa do esposo e abafou os soluços na suave lã.

— Tive um mau pressentimento quando olhei para o fogo agora mesmo — sussurrou ela para o firme bater do seu coração —, como se todo o mundo estivesse a arder e eu não pudesse fazer nada para o impedir. Costumava ter pesadelos com o fogo quando era pequena. Uma vez um padre veio ao nosso castelo e pregou um sermão acerca das chamas do Inferno que aguardavam todos os hereges. A minha mãe disse que eu não dormi como deve ser durante meses.

— Padres! — disse Raoul com desdém. — Tenho a certeza de que o Inferno deve estar cheio deles! — Pressionou os lábios contra o seu cabelo com cheiro a ervas e deixou o rosto escorregar levemente até à sua têmpora a arder. Envolvendo-lhe o rosto entre as mãos como se fosse um cálice, beijou-lhe as faces salgadas, o canto da boca e, finalmente, a suavidade dos seus lábios. — Ah, Claire — disse ele com um tremor na voz —, és tão bela.

Os seus olhos azuis-marinhos estavam brilhantes e semicerrados, a sua respiração breve. Claire sentiu-se como se estivesse prestes a ser devorada. A pura fome na expressão dele assustava-a, mas, ao mesmo tempo, uma nova excitação estranha palpitava-lhe entre os seios e as virilhas.

Murmurando-lhe palavras tranquilizadoras, as mãos dele começaram a mover-se pelo seu corpo como se estivessem a tremer de excitação. Ele sabia onde tocar e acariciar para suscitar reacções. Continuou a beijá-la — beijos leves de borboleta que exploravam as suas pálpebras, faces e queixo. Deu suaves dentadinhas no seu pescoço e chupou-lhe um ponto atrás da orelha até ela estremecer e começar a ofegar. Discretamente, procurou-lhe o laço do robe, e depois as suas mãos estavam lá dentro, deslizando pela sua pele nua, puxando-a anca com anca contra si.

Claire fez um pequeno som de pânico quando sentiu a pressão do pénis dele, quente como um ferro de marcar, contra a sua barriga. Tentou recuar, mas ele agarrou-a firmemente, uma mão sobre as suas nádegas, a outra a acariciar-lhe o cabelo e o vale da sua espinha.

— Não fujas — pediu ele. — Jesus, eu estou tão assustado como tu.

Ela olhou-o de olhos muito abertos, contendo o fôlego.

— Eu prometo, eu juro por Deus, que tentarei não te magoar — disse ele, com a voz rouca. — Por favor, eu quero que esta noite traga muita alegria a ambos.

Claire engoliu em seco.

— Eu também assim o desejo — respondeu, a sua voz mal audível.

Ficaram assim durante um momento mais, agarrados numa ansiosa incerteza. Depois Raoul ergueu-a nos seus braços e levou-a para a cama.

Nas ameias de Montvallant, Bridget encheu os pulmões de um ar que estava ainda gelado da noite e, virando-se para o ponto onde o Sol nasceria em breve, sentou-se de pernas cruzadas. A leste, o céu para além das muralhas brilhava como o interior perlado de uma ostra. Suavemente, ela começou a cantar as palavras sagradas que eram a herança de uma ininterrupta linhagem feminina com mais de mil anos.

À medida que a sua voz subia e descia, as paredes à sua volta dissolveram-se. A luz pulsava ao seu redor, mudando de tom, flutuando para dentro dela e preenchendo-a até todo o seu ser se encontrar coberto de fulgor. Um único raio de luz do Sol irrompeu por entre a abertura na ameia onde ela se sentara à espera. A dor foi intensa. Fogo líquido consumiu o seu corpo até ela estar mais brilhante que a própria luz.

O céu ficou negro e, como que de uma grande altura, ela viu um homem pregado a uma cruz. Aos pés da cruz, duas mulheres de joelhos choravam, uma jovem de cabelos escuros, a outra mais velha mas com uma estrutura óssea que desafiava os anos. Uma criança agarrava-se às saias amarrotadas da mulher mais nova, uma menina com olhos da cor do cristal como os de Bridget, e o seu nome era Magda, filha de Maria. Mesmo que Bridget o não tivesse sabido por intermédio das mais antigas tradições, teria sentido a sua herança no mais fundo dos seus ossos.

Sem qualquer aviso, a visão alterou-se, e de súbito viu o fogo, áspero de fumo, e de dentro dele saíam os gritos de homens e o amargo clamor de mulheres e crianças. Instintivamente, Bridget encolheu-se, pois o calor era tão agudo que parecia queimar-lhe as sobrancelhas e o cabelo. Eram uma só entidade, ela com o fogo — e ela com todas as pessoas que ardiam no fogo.

Por entre as chamas, o jovem noivo avançava na sua direcção, com uma espada na mão, a expressão do seu rosto rasgada de dor. Ele estava tão perto que ela conseguia ver as insígnias negras na túnica sobre a sua armadura, a barba por fazer no seu queixo e o pormenor das lágrimas que lhe corriam pela face. A chorar, estendendo as mãos para ele, a noiva corria na sua esteira, com o cabelo castanho-dourado caído pelas costas, o rosto desfigurado de nódoas negras. O fogo que rugia no meio do caminho mantinha-os apartados, e ele aproximou-se de Bridget sozinho, até se ajoelhar na sua frente. Os seus olhos cruzaram-se e ela sentiu os dele perfurarem-lhe o corpo. Depois ele depositou a espada na palma das mãos dela, e ela fechou as mãos à sua volta até as lâminas gémeas lhe cortarem a carne e o sangue escorrer pelo vinco no seu centro num fino fio escarlata. Quando o Sol brilhou em toda a sua glória sobre o horizonte, ela viu o que aconteceria, e o seu agudo grito selvagem ergueu-se das ameias para perfurar o novo dia e despedaçar-se em milhares de ecos.

Na câmara nupcial, Raoul agitava-se e gemia, assombrado por um pesadelo. Imagens de fogo e o clarão de armas inundavam-lhe a mente. Ouvia gritos de homens em triunfo e agonia, o aterrorizado relinchar de cavalos, e soube que estava a lutar pela sua vida. O braço que segurava a espada doía-lhe tão fortemente que ele mal conseguia travar os golpes que choviam sobre si, e isso era estranho, porque ele nunca conhecera uma batalha, quanto mais o ter de lutar ao ponto da exaustão.

Um cavaleiro galopava na sua direcção e uma luz brilhante irradiava da sua espada quando o cavaleiro a brandiu e golpeou. A lâmina cortou o escudo de Raoul como uma faca a fatiar pão. O mundo escureceu, e, no meio dessa escuridão, uma voz de mulher confortava-o, chamava-o, puxava-o para a luz. Ele conseguia vê-la à distância, de cabelo negro a agitar-se ao vento e as mãos estendidas.

— Raoul, em nome de Deus, acorda! Raoul!

O seu grito aterrorizado ecoou no seu crânio quando ele se arrancou do sonho e emergiu, de olhos muito abertos e a ofegar, no brilho do sol da sua alcova nupcial. Uma voz de mulher ainda o chamava, mas o cabelo dela, inclinado sobre o seu corpo, era castanho-dourado, não preto.

— Estavas a sonhar — disse ela, e pousou a palma da sua mão no lado da face do esposo.

— A sonhar! — Ele estremeceu. — Pelas chagas de Deus, nunca tinha estado tão assustado em toda a minha vida! — Cobriu os olhos com uma mão. Estava encharcado em suor, o lençol colando-se ao seu corpo como uma mortalha. A luz do Sol filtrava-se por entre os reposteiros de linho na enor-

me janela e ouviam-se as pombas da sua mãe a arrulhar no parapeito lá fora. Claire estava despenteada e bela ao seu lado, mas ele sentia-se ainda enervado, como se um intruso tivesse andado a remexer por entre as suas possessões.

— O que foi que aconteceu?

— Não me lembro, só que havia uma batalha e uma mulher de longos cabelos negros que queria alguma coisa de mim. — Foi percorrido por um arrepio. — Jesus!

— Talvez seja por causa do que aconteceu ontem à noite — sugeriu ela.

Ele baixou a mão, voltou a cabeça para ela e franziu o sobrolho.

— Ontem à noite?

Claire corou sob o seu escrutínio. A noite anterior tivera muitos aspectos, nem todos desagradáveis.

— O padre, quero eu dizer, o padre Otho. Talvez tenhas sonhado com lutas por causa disso.

— Talvez — disse ele numa voz de dúvida, e fez uma careta. — Estava uma mulher com roupas de peregrino numa das mesas ao fundo que se parecia com a do meu sonho.

O som do arrastar de rodas de carroças e dos gritos alegres de um guarda subiu até à janela, à medida que se abriam os portões do castelo. Raoul afastou o lençol húmido e sentou-se. O linho por baixo dele ostentava manchas acastanhadas de sangue seco, e os seus ombros ardiavam no local onde ela o agarrara no momento da desfloração. Claire olhou para ele e mordeu o lábio inferior.

— Eu não queria magoar-te — disse ele, atacado por um momento de culpa. — Podes não vê-lo desta maneira, mas foi um cumprimento à tua beleza. Já não conseguia esperar mais.

O lábio dela soltou-se e curvou-se sedutoramente.

— Não doeu assim tanto, só ao princípio, depois esqueci a dor. — Ela corou novamente.

— Então não estás zangada? — Numa tentação ao seu olhar, o tom rosado estendia-se agora para os seus seios.

— Não, não estou zangada... — e depois, quando ele se inclinava avidamente para ela —, só um pouco dorida, mas a tua mãe e a minha garantiram-me ontem que isso vai passar rapidamente. — Embora não houvesse perturbação na sua voz ou atitude, ele sentiu a ténue tensão no corpo dela e controlou-se. Talvez naquela manhã fosse melhor confinar a sua admiração a palavras ternas e carícias, em vez de se envolverem noutra sessão de acasalamento. Ela agora só precisava de estar um pouco sozinha, e depois de passar tempo com outras mulheres. E ele precisava de recuperar da vívida violência do seu sonho.

Beijou-lhe o nariz e o canto da boca com suave afeição e saiu da cama para vestir as suas roupas.

— Eu mando vir a tua criada — disse ele por cima do ombro ao dirigir-se para a porta.

Claire sorriu com gratidão e voltou a enterrar-se por baixo das cobertas.

Quando Bridget desceu das ameias, Chretien estava junto ao poço exterior, a encher os cantis de água para a jornada para Lavaur, enquanto Geralda lhe dava as instruções para lá chegar e fazia as suas despedidas.

— Eu viajaria convosco — disse Geralda, a sua voz cheia de pena —, mas prometi a Berenger e Beatrice ficar mais um pouco em Montvallant. Além disso — acrescentou ela com um sorriso amargo —, quanto menos atenções atraírem sobre vós, melhor. Viajando na minha companhia, dificilmente se manteriam anónimos. — O seu olhar iluminou-se ao observar Bridget, que começara silenciosamente a ajudar Matthias a carregar os seus poucos pertences nos cavalos.

— Talvez devessem descansar aqui mais um dia — sugeriu ela. — Os Montvallant são tolerantes para com os cátaros e a Bridget parece exausta.

Chretien abriu a boca.

— Não — disse Bridget rapidamente antes de ele poder responder. — Não seria prudente. Dois frades pregadores estão prestes a chegar. — Prendeu eficientemente um embrulho à retranca da sua montada. — Eu vi-os ao nascer do Sol. — Podia ter acrescentado que ainda não estava maduro, o tempo para ela e Raoul de Montvallant. Havia sangue da lua entre as suas coxas e o noivo tinha a sua noiva para fecundar de semente. Consciente, porém, da moral cátara de Chretien, manteve essa particular informação para si.

— Tiveste uma visão? — A voz de Chretien era áspera de preocupação.

Bridget suspirou.

— Várias — disse ela e, segurando nas rédeas, montou o seu animal. — Estão prontos? — Ela voltou-se para os portões do castelo.

Chretien observou-a pensativamente enquanto se instalava sobre a sua própria sela. Fazendo o sinal da bênção dos cátaros sobre Geralda, seguiu a sobrinha pelo pátio.

Matthias, que vinha atrás, parou ao passarem por uma pilha de estreme à saída dos portões. Vira um padre aí rressonar, deitado sobre a barriga,

encharcado em álcool como um pedaço de carne a marinar. Matthias abanou a cabeça tristemente, mas sem surpresa.

— Duvido que alguma vez estejamos prontos.

Tudo era pacífico junto ao rio. Sob o calor do meio do dia, as árvores que contornavam as margens do Tarn proporcionavam uma bem-vinda sombra para os que desciam do castelo e descansavam junto da água.

A maior parte dos convidados deixara Montvallant após o pequeno-almoço de casamento e a tradicional exibição do lençol manchado com o sangue virginal da noiva, e muito poucos tinham ficado, para além de Geralda de Lavaur e o seu irmão Aimery, velhos amigos da família. Aimery e Berenger partilhavam a paixão da falcoaria e gostavam de fazer voar e comparar os seus falcões, enquanto Geralda e Beatrice tinham todo um ano de mexericos para trocar.

Um pouco afastados das pessoas mais velhas e escudados do seu escrutínio por um painel de jovens salgueiros e freixos, Claire virou com cuidado a cabeça de um Raoul adormecido para a instalar mais confortavelmente no seu colo. Os seus olhos passearam pela curva ascendente dos seus lábios, pelas densas pestanas douradas e a penugem mais escura das sobrancelhas. Prazer e medo apertavam-lhe o estômago. Doce Jesus, como era belo, e pertencia-lhe inteiramente. Era como se alguém lhe tivesse enchido as mãos de tesouros e, ao mesmo tempo que se maravilhava perante a sua boa fortuna, ela se preocupasse igualmente com a possibilidade de os deixar cair.

A sua mãe despedira-se na véspera com lágrimas e promessas de uma breve reunião. A sua partida fora desesperadamente dolorosa para Claire. Embora a nova família tivesse feito o seu melhor para a fazer sentir bem e lhe mostrasse a maior das bondades, tudo lhe era ainda estranho e havia muito que aprender. Ser uma esposa era muito diferente de ser uma filha.

Recostou-se para trás contra a árvore que lhe suportava as costas e observou a luz do Sol que se entrelaçava por entre as folhas do salgueiro, criando uma treliça de verde e ouro; um porto feérico para a dama e o seu cavaleiro. Ouvia a profunda gargalhada de Geralda, o chapinhar de dois escudeiros que se recreavam por entre os baixios do rio, o grito alarmado de uma galinhola.

Estendeu a mão para um alto aglomerado de erva que crescia ao lado da árvore e cortou uma haste entre as unhas. Reprimindo um risinho, agitou a inchada espiga sobre o nariz de Raoul. Ele contorceu-o e ergueu uma mão lânguida para afastar o que pensava obviamente ser um importuno mosquito. Claire aguardou um momento e repetiu o movimento, quase soltando uma gargalha quando ele varreu com a mão o ar vazio. Depois voltou a lançar o seu isco, fazendo-lhe cócegas, provocante.

Com a velocidade de uma serpente a atacar, Raoul agarrou-lhe o braço, puxou-a para baixo e de lado, e rolou para cima dela, os braços algemando-lhe os pulsos. Um sorriso irrompeu dos seus lábios.

— É o que é que vais fazer agora?

Claire contorceu-se por baixo dele e inclinou a cabeça, num convite para um beijo.

— Negociar o meu perdão?

— Mostra-me como. — Ele soltou-lhe os braços de forma a conseguir suportar o seu peso sobre uma mão e acariciar-lhe o corpo com a outra. Beijaram-se. As mãos dela deslizaram sobre a túnica dele e abriram os dedos na curva húmida das suas costelas. Um calor inundou-lhe o corpo e concentrou-se no seu baixo-ventre.

— É difícil de negociar consigo, meu senhor — sussurrou ela contra a boca dele.

— Confio que acabará por me fazer ceder. — Ele mordiscou-lhe o pescoço e enfiou a mão por entre a capa dela para lhe acariciar um seio. No momento em que sentia o seu mamilo desabrochar sob as suas carícias, o enorme cão dos Pirenéus de Aimery apareceu a abanar a cauda para investigar o rebuliço. Raoul praguejou suavemente e tentou enxotar o cão, mas ele limitou-se a saltar desajeitadamente de um lado para o outro e ladrou, querendo brincar.

Um breve assobio de Aimery levou o cão aos altos para junto do dono, mas o mal estava feito. Raoul sentou-se e olhou, encadeado pela brilhante luz do Sol, para o amigo do seu pai. Corando furiosamente, Claire pôs ordem nas suas roupagens amarrotadas,

O riso brilhava nos olhos de Aimery, que aflagava o exuberante pêlo do animal.

— Desculpem — disse ele num alegre tom de voz que desmentia as

suas palavras. — Não consigo evitar que *Blanc* procure caça entre os arbustos, quando é isso que ele foi treinado para fazer. — Puxou uma luva de couro dobrada de entre o cinto e puxou-a até ao pulso. — Deixa a tua pobre esposa em paz por um momento e vem ver a velocidade do meu novo falcão. — Depois olhou por cima do ombro. — O teu pai está à espera.

Sentadas em volta de uma toalha, as mulheres observaram os homens a afastar-se, de falcões sobre os pulsos. Dona Geralda deu um estalido com a língua e riu.

— Aimery tem estado a semana toda desesperado por mostrar aquele falcão a Berenger e Raoul. Nunca um pássaro como aquele existiu, a acreditar nos seus louvores. Ouve o que te digo, tem-me deixado meio maluca com toda aquela conversa a esse respeito!

— Então agora és maluca de todo — disse Beatrice maliciosamente.

Geralda deu uma palmadinha no braço da amiga.

— Beatrice de Montvallant, devias ter vergonha, a fazer pouco de uma velhota!

— Eu pensava que os cátaros não mentiam — retorquiu Beatrice, de olhos a brilhar. — Não é s muito mais velha do que eu, e ainda não tenho intenção de admitir a senilidade!

— Ah, mas tu tens Berenger para te manter em forma e uma nova esposa para ensinar. — Geralda sorriu inclusivamente a Claire. — Eu só tenho Aimery e os seus falcões!

— Tens a tua fé — objectou Beatrice.

Geralda ficou mais séria, mas o seu sorriso permaneceu, aprofundando as linhas ao canto dos seus olhos. Olhou em volta para as serviçais, mas apenas a criada de Claire, Isabelle, as podia ouvir. Geralda avaliou a rapariga por um momento, depois retirou um pequeno livro com encadernação de couro da sacola que trouxera consigo.

— Agora que os homens se foram, deixa-me mostrar-te uma coisa — disse ela, as pontas dos seus dedos percorrendo os círculos entrelaçados a ouro na capa. — Não que eu esteja a esconder alguma coisa; Aimery ouviu-me ler isto várias vezes, mas está tão interessado nisto como eu nos falcões.

— O que é? — Beatrice parecia ao mesmo tempo curiosa e apreensiva.

— A tradução de antigos escritos da Terra Santa. Um burguês de Lavour trouxe alguns rolos de uma peregrinação que fez a Jerusalém e legou-mos quando morreu. Mandei-os traduzir para a nossa língua por um escriba cátaro nos meus domínios. Escuta. — Abrindo o livro ao acaso, começou a ler numa voz clara e firme.

»Conhecermo-nos ao nível mais profundo é conhecer Deus. Procura por Deus colocando-te no ponto de partida. Conhece quem dentro de ti torna teu tudo o que existe e diz: «Meu Deus, minha mente, meu pensamento, minha alma, meu corpo.» Aprende as fontes da mágoa, alegria, amor e ódio. Se investigares cuidadosamente estes assuntos, encontrará-Lo-ás dentro de ti.»

»Não é maravilhoso? E, no entanto, a Igreja repudia-nos. — Os olhos de Geralda reluziam de indignação. — Se pudessem, queimavam qualquer livro que não estivesse escrito em latim e qualquer livro que discordasse com a sua estreita imagem de Deus. — Estalou os dedos. — Não precisas desse teu padre inútil para te ajudar a encontrar Deus, Beatrice. Apresenta-te perante Ele tal como és e Ele ouvir-te-á!

— Eu nunca tentei encontrar Deus através do padre Otho. — Beatrice estremeceu. — Isso seria como beber vinho por um copo imundo.

— Precisamente! — Geralda bateu no chão para enfatizar o que dizia. — Os padres servem o Deus da sua própria mundanidade, não o da simples verdade! Eles dizem-nos para acreditar na culpa de sangue, no Inferno. Se Jesus se sacrificou na cruz para afastar os nossos pecados, para que há necessidade de uma Igreja? E se estamos ainda carregados pelo pecado, para que serviu então o sacrifício? Uma tal crueldade não é a concepção do Deus da Luz. — Ela abanou a cabeça. — Oh, eu digo-te, as nossas consciências são guiadas pelo medo e a opressão, e, quando tentamos libertar-nos, somos punidos.

Beatrice pousou uma mão apaziguadora sobre a de Geralda.

— Estás aregar a simpatizantes. Há muito que sou uma crente na fé cátara, e Claire vem de uma família que acolhe os Homens Bons no seu lar.

Claire murmurou um tímido assentimento. A sua mãe dava muitas vezes alimentos e abrigo a sacerdotes cátaros em viagem, embora ela se perguntasse porque seriam chamados Homens Bons, quando havia tantas mulheres entre eles. Destes pregadores itinerantes, ela aprendera que a via cátara para a verdade era viver uma vida pura e simples — oração, celibato e alimentação simples, isenta de carne. Os ensinamentos de Cristo eram seguidos, mas com um mínimo de ritual. Não havia Filho de Deus, apenas a luz brilhante da deidade. O seu oposto, o negro Rex Mundi, governava o mundo e todas as suas luxúrias, e tinha de ser evitado.

Apenas os intensamente comprometidos tomavam os austeros votos finais e se tornavam Perfeitos, mas havia outros níveis para os que acreditavam na via cátara e não estavam ainda preparados para se sujeitar à rigorosa disciplina exigida. Alguns só aí chegavam nos seus leitos de morte, outros depois de terem criado as suas famílias e ultrapassado as paixões da juventude.

Claire muitas vezes acalentara a ideia de se tornar uma Perfeita cátera. Sonhara com isso da forma como muitas jovens mulheres sonhavam com as imagens de cavaleiros em brilhantes armaduras e trovadores com olhos ternos. Um sonho, mas quase suficientemente vívido para lhe parecer real, enquanto estava ali sentada com Geralda e Beatrice nesse fim de tarde.

— Não quer ler mais um pouco — pediu ela suavemente —, antes que os homens regressem?

A senhora de Lavour olhou-a pensativamente e Claire viu na sua expressão que Geralda reconhecera um espírito irmão.

— Nada me daria um maior prazer, minha querida.

...

Quando regressavam do piquenique, as mulheres retiraram para os seus aposentos para fazerem as suas abluções. Os homens, quando finalmente se arrancaram das gaiolas dos falcões, limitaram-se a despír-se até aos calções e lavar-se abundantemente na fonte do pátio. Claire apoiou-se no peitoril da janela e ficou a olhar para Raoul, admirando a sua graça despreocupada e os movimentos dos seus músculos sob o brilho das gotas de água. Arrancando uma flor de um vaso de maravilhas no parapeito, atirou-a para baixo na direcção dele. Falhou, mas o movimento captou a atenção do marido. Olhando para cima, ele sorriu e soprou-lhe um beijo.

Claire correu pelas escadas abaixo. Quando chegou ao piso térreo, estacou ao ver o seu sogro na companhia de dois frades de capas negras e um padre Otho com um ar carrancudo. Apressou-se a fazer uma curta vénia e a baixar os olhos.

— Filha — saudou o mais velho dos frades numa voz fria e aguda. Um açoite cheio de nós pendia do seu cinturão ao lado de um rosário de madeira. Um dos seus polegares era quase obliterado por um volumoso anel de sinete de ouro embutido com um camafeu cinzento. Fixou os olhos no anel, demasiado assustada para erguer o olhar, não fosse ele ler a culpa de heresia na sua face.

O tom de Berenger foi formal e tenso.

— Claire, minha querida, pode ir dizer a dona Beatrice que temos convidados à mesa principal esta noite? Frei Dominic e frei Bernard.

— Sim, claro. — Ela estava a voltar-se para fazer a sua fuga quando Raoul entrou despreocupadamente pela porta da torre, com a camisa e a túnica penduradas pelo ombro, o tronco nu perlado de gotas de água e uma maravilha presa atrás da orelha. Também ele se deteve bruscamente quan-

do viu os dois frades e Otho. O sorriso morreu-lhe no rosto e a sua irritação foi bem patente antes de ele reformar a expressão numa educada neutralidade. No momento em que as necessárias apresentações terminaram, ele desculpou-se e partiu, lançando a Claire um olhar exasperado.

Ela sabia que ele fora ali para a ver, que, não fosse a presença daquelas severas vestes negras, ele tê-la-ia tomado nos braços e pago a maravilha com beijos e carícias. Consternada e ansiosa, correu para a ala feminina para avisar Beatrice e muito especialmente Geralda a respeito dos indesejados hóspedes.

A presença dos dois frades e de Otho ao jantar no salão maculou o que fora até aí um dia de prazer. Frei Dominic mergulhou um pedaço de pão no prato do sal e olhou em volta para a sua audiência.

— Assumo que já ouviram falar da cruzada para deter os cátaros se Raymond de Toulouse não restringir pessoalmente as suas actividades? — perguntou ele, o seu olhar penetrante e inquisidor. — O apelo tem-se espalhado pelo Norte.

Berenger olhou de relance para Raoul, que segurava a mão de Claire.

— Fala-se de uma cruzada desde que eu tinha a idade do meu filho, e isso já foi há mais tempo do que eu gosto de recordar. Duvido que vá dar em alguma coisa. — O seu olhar estendeu-se ao longo da mesa até ao padre Otho. — A igreja faria melhor em pôr a sua própria casa em ordem antes de ir atirar pedras a outros lados.

O rosto do frade ensombrou-se.

— Os homens são fracos. Sempre haverá necessidade de reformas, mas não se pode permitir que continue a vergonha que é a heresia cátara.

— O conde Raymond nunca toleraria um exército francês no seu solo.

O frade mais jovem parou de se entreter com a galinha na sua frente e ergueu os olhos negros para Berenger.

— Com todo o respeito, meu senhor — disse ele afectadamente —, o seu suserano raramente se preocupa com o que quer que envolva o mais pequeno esforço.

— Ele faria um esforço se a França invadissem.

— Mas não para se livrar dos heréticos — retorquiu o jovem frade.

Berenger forçou-se a lembrar que aqueles homens eram hóspedes sob o seu tecto e apenas pôde agradecer a Deus, fosse ele qual fosse, por Geralda e Aimery terem optado por permanecer nos seus aposentos e não dificultarem as coisas para o seu anfitrião.

Frei Dominic fez um gesto de silêncio para o seu jovem companheiro.

— Eu fiz menção de uma cruzada como forma de gentil aviso — disse ele a Berenger. — Não estamos aqui para lhe dar sermões. Na verdade, só desejamos alojamento para uma noite e talvez uma pequena informação, se estiver na sua mão no-la dar.

— Sim? — Berenger pareceu preocupado.

— Andamos em busca de uns heréticos que, segundo ouvimos, andam pela vizinhança.

Fez-se silêncio. Beatrice empalideceu e Claire pressionou-se contra Raoul, que deu ao seu braço um apertão para a tranquilizar.

— Refere-se à cabra com cara de cavalo Geralda de Lavour e o seu irmão Aimery? — disse Otho, limpando a boca com a manga. — Sim, eles estão aqui como hóspedes do senhor Berenger. Mais de metade das pessoas da cidade são simpatizantes do catarismo e são abertamente recebidas no castelo.

— Os meus hóspedes não são da sua conta — disse Berenger num tom gelado. — Não permitirei que sejam importunados na minha casa. As suas crenças só a eles dizem respeito. Se há cátaros nesta região, então eu pergunto-lhe de quem é a culpa, Otho? Quem o quereria como confessor?

Frei Dominic ergueu a mão direita e a luz brilhou sobre o camafeu do anel.

— Senhor Berenger, como disse, os seus hóspedes só a si dizem respeito, embora eu o aconselhasse a ter cuidado com a sua alma imortal.

Berenger apertou os lábios para controlar a fúria e fez a muda promessa de que a carreira de Otho como padre de Montvallant estava terminada.

— Procuramos dois homens e uma mulher que viajam juntos — continuou o frade. — Um é conhecido como um importante Perfeito cátaro, Chretien de Béziers; o outro responde pelo nome de Matthias. É um escriba de Antioquia e falta-lhe o polegar e mais dois dedos da mão direita. A mulher é nova e, segundo alguns dizem, bonita. — Os seus lábios enrolaram-se de desdém ao proferir esta última palavra.

O frade mais novo inclinou-se avidamente sobre Berenger.

— Eles são conhecidos por pregar abominações que vão ainda mais além do que aquilo a que os cátaros normais se atreveriam. São lacaios do Diabo!

Berenger abanou a cabeça e ficou aliviado ao dizer de consciência tranquila:

— Eu não vi nem ouvi falar de ninguém que correspondesse à vossa descrição.

Frei Dominic olhou-o atentamente, depois estendeu o seu olhar ao longo da mesa principal.

— E os outros? — O seu escrutínio deteve-se sobre Raoul, que pestanejou, depois voltou directamente para trás, o seu rosto tão inexpressivo com um pergaminho em branco.

— Eu vi dois homens e uma mulher — ofereceu o padre Otho. — Não sei se são os que procuram, mas a mulher era, de facto, linda, e os homens usavam vestes cátaras. — Cruzou as mãos sobre a barriga e sorriu com um ar trocista para Berenger e Raoul.

— Quando foi isso? — Frei Dominic inclinara-se para a frente.

— No casamento do jovem senhor. Eles tinham um abrigo na muralha perto do portão principal.

Raoul disse rapidamente:

— Se se refere àqueles que chegaram quase ao fim do banquete, eram apenas respeitáveis peregrinos a caminho de Compostela. Eu falei com um dos homens, que me disse que se chamava Thomas e que vinha de Anjou.

Otho começou a cuspir um protesto e Berenger interrompeu-o prontamente.

— Importa-se de explicar aos bons frades que estava tão embriagado no banquete de casamento que não conseguiu proferir as palavras de bênção na cerimónia da cama e que teve de ser transportado lá para fora para dormir sobre os seus excessos? Duvido que conseguisse lembrar-se do seu próprio nome, nessa noite. Mas eu sei que Raoul, pelo contrário, estava perfeitamente sóbrio. — Voltou-se novamente para os frades. — Procurai os vossos heréticos por outras paragens — disse ele. — Não os encontrareis aqui.

— Aquelas três pessoas estiveram mesmo em Montvallant? — perguntou Claire a Raoul mais tarde, quando estavam na cama, os seus membros entrelaçados depois de fazerem amor.

Raoul acariciou-lhe o topo da cabeça.

— Eu vi-os, sim.

— O homem era realmente de Anjou?

— Não sei. Não falei com ele. Fomos levados para a cama não muito depois da sua chegada. — Ele ficou em silêncio por um momento, a sua mão percorrendo suavemente o corpo húmido da mulher. Depois acrescentou numa voz suave: — Eu preferia ser danado por mentir àqueles frades que por deixá-los pôr as suas garras em pessoas inocentes... e eles sabem-no.

A noite estava quente. Entre ela e Raoul havia uma escorregadia camada de suor, mas, em vez de procurar a frescura dos lençóis, ela encos-

tou-se ainda mais a ele, sentindo-se assustada. — E se houver uma cruzada? — sussurrou. — E se o papa enviar soldados para esmagar os cátaros?

— E se o céu cair sobre as nossas cabeças amanhã? — Raoul agarrou-lhe o punho cerrado contra o seu peito e abriu-o com beijos. — Como disse o meu pai, fala-se de uma cruzada desde sempre, e nunca resultou em nada. Pára de te preocupar; as trevas fazem sempre com que os problemas pareçam maiores do que são. — Lambeu e mordiscou-lhe o braço antes de transferir a sua atenção para o alto dos seus seios. A outra mão desceu sobre a sua barriga, o indicador a explorar ociosamente até ela sustar a respiração e arquear o corpo.

Mas, mais tarde, quando ela desceu do glorioso prazer de fazer amor com o seu esposo, o medo estava pacientemente à sua espera, e o santuário da aurora ainda a horas de distância.

O Verão amadureceu para produzir uma lustrosa colheita. Resplandecentes uvas negras e gordas azeitonas verdes eram pisadas e pressionadas para extrair os seus sucos sob um céu tão azul que quase feria os olhos que se erguiam ao alto. Os homens labutavam do nascer ao pôr-do-sol, ceifando nos brancos campos, colhendo frutos de pomar e nozes, conduzindo os seus gados a engordar fartamente antes da matança.

Geralda e Aimery regressaram a Lavaur, mas chegavam frequentemente a Montvallant cátaros itinerantes, enviados por Geralda na certeza de que seriam bem recebidos. Mãos adicionais faziam sempre falta em época de colheitas, e os cátaros, em troca de comida, alojamento e uma audiência atenta, eram bons trabalhadores.

Por vezes, Homens Bons cátaros passavam a noite no próprio castelo e faziam reuniões de oração no pátio. Em outras ocasiões, Claire e Beatrice compareciam em reuniões na vila e aldeias da região. Raoul e Berenger normalmente declinavam acompanhá-las, sendo tolerantes em relação à crença mas não tão interessados como as suas esposas. De facto, Raoul chegou até ao ponto de resmungar meio a brincar com Claire que ela estava a negligenciá-lo a favor dos seus dois mais recentes hóspedes cátaros, dois enrugados velhotes que cheiravam a cabras.

Contrita, ela abandonou os seus planos para assistir à reunião seguinte e saiu antes com Raoul para inspeccionar as colheitas, mas deu licença à sua criada, Isabelle, para ir ouvir os Homens Bons pregar, pois, de todas as mulheres, Isabelle era a mais tocada pelos ideais cátaros.

— Querias ir com ela, não querias? — perguntou Raoul quando pa-

raram para dar de beber aos cavalos num ribeiro que corria por entre os cerejais.

Claire olhou-o de lado.

— Não tanto como queria estar com o meu marido — disse ela diplomáticamente.

— Às vezes não sei — murmurou ele.

Claire ficou chocada pela melancolia subjacente na sua voz.

— Não podes pensar uma coisa dessas! — Inclinou-se na sua montada e pousou a mão sobre a dele.

Ele baixou os olhos para aquele gesto.

— Talvez eu não queira partilhar-te com os cátaros — disse ele. — Talvez tenha medo que te tornes um deles e depois eu não possa voltar a tocar-te.

— Oh, Raoul! — Com um aperto na garganta, ela agarrou-lhe a mão com mais força, mas ele fez sinal ao cavalo para retomar o caminho e ela teve de o deixar. Mordendo o lábio, apressou a sua égua a segui-lo e tentou pensar em algo que pudesse dizer para o acalmar sem comprometer a sua própria posição. Talvez, no seu regresso ao castelo, conseguisse levá-lo para a cama de ambos e provar-lhe que, por mais que admirasse os cátaros, ela admirava-o a ele também, e, de momento, não fazia intenção de fazer quaisquer votos proibitivos.

Alcançou-o no coração do pomar. Peras verdes-prateadas dobravam os ramos, e as folhas sussurravam com a brisa. Cavalos e cavaleiros foram pintalgados de luz e sombras.

— Raoul, espera — rogou ela. — Eu quero que compreen... O que foi? — A sua voz ergueu-se de alarme quando ele agitou as rédeas sobre o pescoço da montada e mais uma vez acelerou em frente.

Depois ouviu um grito abafado e uma praga masculina. Alguma coisa se remexeu por entre a erva alta no meio das árvores em frente. Raoul puxou pelas rédeas e saltou da sela. Atrás dele, Claire travou a sua égua e conteve a respiração, tomada de horror e repulsa. A olhar para ela e Raoul, com o hábito puxado para cima das coxas, estava o padre Otho, e por baixo dele, com as saias rasgadas pela mesma altura, estava Isabelle. A boca dela estava inchada e a sangrar. Vivos vergões queimavam-lhe a pele dos ombros no local onde o seu vestido e camisa tinham sido rasgados para lhe expor os seios.

— Ela é uma herege! — arquejou Otho. — A meretriz do Diabo! Arrastou-me para o pecado!

— A única meretriz do Diabo que aqui vejo é o senhor! — disse Raoul, sufocado de raiva. Agarrando no padre, tirou-o de cima da rapariga e atirou-o furiosamente para um lado.

Claire desmontou da sua égua e apressou-se a acudir à criada, puxando-lhe para baixo as saias, cobrindo os peitos magoados da rapariga com a sua própria capa.

Raoul olhou severamente para o padre Otho.

— Reúna já os seus pertences e saia das terras de Montvallant. — A sua voz estava comprimida de ódio.

— Não tem o direito... — começou Otho; depois calou-se abruptamente quando a espada de Raoul começou a sair da sua bainha.

— Não! — gritou Isabelle quando Claire a ajudava a levantar-se. — Deixe-o. É contra a regra cátera matar seja por que for!

— Eu não sou um cátero — retorquiu Raoul, mas voltou a guardar a espada na bainha. — Pelo pôr-do-sol já não estará aqui — disse ele a Otho. — Virei à sua procura e, se o encontrar, transformo-o num eunuco e penduro-lhe os testículos à porta da igreja como aviso para outros da sua estirpe. Saia daqui antes que eu mude de ideias e o faça já!

Otho levantou-se a cambalear e tentou compor a sua dignidade juntamente com o cinto de couro.

— Pierre de Castelnau, o legado papal, ficará a saber como protegem os hereges! — lançou por cima do ombro enquanto se começava a afastar a coxear.

— E eu terei todo o prazer de explicar tudo o que ele precisa de saber! — Raoul desembainhou a espada e deu três passos em frente. O padre Otho abandonou a sua fanfarronada e fugiu.

Claire ajudou Isabelle a levantar-se, um braço solícitamente em volta dos seus ombros. A pele morena da rapariga estava pálida de choque mas, para além das nódoas negras, ela parecia incólume.

Raoul devolveu a espada à sua bainha.

— O que foi que aconteceu?

Isabelle estremeceu.

— Eu fui ouvir os Homens Bons pregarem na margem do rio e decidi regressar pelo pomar. Ele... ele estava à minha espera. Devia vir a seguir-me e aguardou pelo momento certo. — Ela abanou a cabeça. — Ele disse que queria salvar a minha alma da danação e, quando eu respondi que não precisava da sua intervenção, nem a de qualquer padre, ele chamou-me bruxa e herege e saltou para cima de mim como um animal selvagem. Se não tivessem passado por aqui neste momento... — Enterrou o rosto contra o peito de Claire e soluçou.

Claire abraçou-a e fez uns ruídos reconfortantes.

— Pronto, pronto. Ele nunca mais te incomodará, prometo. Anda, vamos levar-te para casa e eu vou procurar um unguento de calêndula para essas nódoas negras.

— Pode vir no assento atrás de mim — disse Raoul.

Isabelle estremeceu e encostou-se mais desesperadamente à sua senhora.

— Melhor ainda, atrás de mim — disse Claire rapidamente, a sua compreensão mais arguta que a do marido. Regressar fresca e limpa de uma reunião cátara e ser depois atacada por um verme como o padre Otho era um ultraje para a alma. Os lábios comprimidos e olhos furiosos de Raoul exsudavam uma poderosa masculinidade que apenas aumentava a agitação de Isabelle.

— Suponho que a égua terá um ritmo mais suave — disse ele num tom neutro, mas Claire não deixou de notar o olhar magoado que lhe perpassou o rosto perante a recusa, antes de ele recolher o palafrém e o conduzir às mulheres.

Raoul desceu as escadas que saíam dos aposentos das mulheres e atravessou o átrio para ir ao encontro do seu pai, que acabara de regressar da caça e usava ainda a luva de falcoaria.

— Ela está bem? — perguntou Berenger. — Contaram-me o que aconteceu assim que cheguei.

Raoul fez um aceno afirmativo.

— Está magoada e chocada, mas a recuperar.

— Já sei o que disseste ao padre Otho.

— E não me arrependo de uma palavra. — Raoul cerrou o maxilar. — Se passo por cima da tua autoridade, peço desculpa, mas apenas por isso.

Berenger atirou a luva e a capa para cima de um banco.

— Otho já teve demasiadas oportunidades. Eu teria feito o mesmo. Só gostava que não tivesse coincidido com este deplorável concílio papal. — Dirigindo-se para a garrafa pousada sobre uma arca próxima, serviu um copo para si e outro para Raoul. — Encontrei-me com um mercador de Marselha há pouco. — Berenger bebeu um gole de vinho. — Ele disse-me que o papa Inocêncio pediu ao rei de França para apoiar uma cruzada contra os nossos cátaros. O mercador disse que tinha atravessado os Alpes com o enviado papal. Parece que Inocêncio escreveu: — Berenger olhou para as vigas do tecto — «Que o poder da coroa e a miséria da guerra os tragam de volta para a verdade.»

Raoul fez uma careta. As notícias eram inquietantes, as palavras ainda mais.

Berenger sentou-se pesadamente sobre o banco, esfregando os joelhos.

— Tenho estado a ignorar os sinais, esperando que eles desapareçam, mas parece que não têm havido melhoras, nos últimos tempos. O nosso conde Raymond está a enfiar-se num pântano e o único caminho de volta para terra seca é feito sobre uma matança de cátaros.

— Perseguirias os cátaros de Montvallant?

Berenger soltou um grunhido.

— Como seria isso possível? A tua mãe apoia-os, o meu camareiro é um converso, tal como a criada de Claire, e tu acabaste de expulsar o nosso padre do seu ganha-pão para a proteger!

Raoul olhou desconfortavelmente em volta do átrio, onde as sombras pareciam subitamente mais negras. Ele fora treinado na arte da guerra — que filho de uma casa nobre não o era? Mas isso fizera parte de uma educação mais vasta, uma oportunidade de dar vazão a um excesso de energia por entre a leitura e a escrita, a aritmética, o latim e a música. Antes daquela tarde, ele nunca erguera a espada contra ninguém na sua vida.

Voltou as costas ao pai, mas era demasiado tarde. Berenger já vira.

— Pode ser que não aconteça nada — disse o homem mais velho.

— Eu não sou nenhuma criança! — ripostou Raoul.

O sorriso de Berenger era amargo.

— Somos todos crianças — disse ele. — Apenas fingimos ser homens.

CAPÍTULO 7

SAINT-GILLES DE RHÔNE, INVERNO DE 1208

O vento que soprava pelo delta do Rhône tornara a noite de Janeiro tão agreste como uma ferida aberta e Raoul ficou contente por ter a sua capa e o forro de pêlo nas suas botas altas. No salão de Marcel de Saliers, primo segundo de Raoul, a conversação era ruidosa, pontuada por gargalhadas ébrias, mas Raoul ouvia a nota dissonante do medo e via a tensão nos olhos dos homens.

A duas milhas de distância, no palácio de Saint-Gilles, o conde Raymond de Toulouse e Pierre de Castelnaud, o representante do papa, discutiam as suas diferenças. Berenger, como um dos conselheiros de Raymond, partira para a conferência antes do raiar do Sol. Aproximavam-se já do entardecer e ainda não viera uma palavra.

*Com a aurora vem a luz
O amor entra a brilhar
Eu fundo-me com o brilho
A minha senhora usa um cinto de prata
Que brilha como a Lua
O amor entra a brilhar
Nós fundimo-nos com o brilho*

Raoul olhou para o jogral que cantava para as pessoas reunidas à sua volta, Claire entre elas. Ela usava o vestido de seda do seu casamento e um véu de gaze preso por um pequeno aro de prata. A sua trança castanha, es-

pessa como a corda de um sino, caía-lhe sobre a anca. Ele imaginou aqueles cabelos soltos e a cheirarem a ervas por cima da almofada, ou caídos sobre as pontas rosadas dos seus seios. O jogral fazia-lhe olhos melosos e ela soltava risinhos por detrás da mão como uma rapariguinha. O estômago de Raoul agitou-se de amor e desejo, e também de um toque de ciúme.

Voltou-se ao sentir uma cotovelada no braço e descobriu que o pai chegara na companhia de um jovem cavaleiro templário. O cheiro frio da noite de Inverno agarrava-se ainda às suas capas de lã.

— Pensei que nunca mais chegavas — queixou-se Raoul. — Já deve ser noite escura.

— É — grunhiu Berenger. — Mais escura do que imaginas. Raoul, apresento-te Luke de Béziers, da preceptoría de Bezu. Luke é familiar da mulher de Marcel pelo lado da mãe, o que faz dele também nosso parente.

— Melhor ainda, dá-me uma razão para vir pedir aqui hospitalidade por uma noite — disse Luke quando os dois jovens apertaram as mãos. — O conde Raymond está numa tal fúria que prefiro não dormir no palácio. — Os seus olhos negros avaliaram o ajuntamento com a cuidadosa minúcia de um lince.

— Houve problemas? — perguntou Raoul.

Berenger soltou um riso amargo.

— O Inferno teria parecido frio em comparação com aquilo! Começou com bastante cortesia, na verdade, mas em breve estavam a atirar-se à garganta um do outro. O legado disse que não havia perdão para Raymond enquanto ele continuasse a acolher os cátaros no seu seio e a empregar livremente judeus e outros indesejáveis. O conde Raymond tentou ao princípio aplacá-lo, disse até que ia extirpar o pior da infecção, mas não havia nada que satisfizesse o legado. — A fúria na voz de Berenger intensificou-se. — Ele acusou Raymond de perjúrio e traição a um juramento. Raymond disse que viera para discutir o assunto, não para ser insultado, e, antes que déssemos por isso, estavam os dois a rosar um para o outro como um par de rafeiros na rua!

— Raymond puxou da adaga e ameaçou matar De Castelnau — disse Luke.

Raoul olhou-o, horrorizado.

Berenger acenou com a mão.

— Oh, aquilo era só pose. Atacar o legado papal seria como se Raymond decidisse cortar a própria garganta e deixar os franceses sorver-lhe o sangue.

Raoul franziu o rosto.

— Mesmo assim, deve ter ficado no limite. Ele nunca perde a cabeça.

— Bem, hoje perdeu — disse Berenger. Abriu as mãos. — De Castelnaud saiu de rompante do palácio completamente ofendido e Raymond seguiu-lhe o exemplo. Escusado será dizer que continua apartado da graça da Igreja e que as tensões estão mais elevadas do que o Garonne depois de uma tempestade de Inverno. — Esfregou o rosto com a palma da mão. — Está um vento agreste a soprar esta noite, e não há abrigo à vista.

Como se as palavras do seu pai tivessem conjurado o frio pelo ar, Raoul estremeceu. Luke de Béziers pediu licença e foi em busca dos seus anfitriões, movendo-se por entre a multidão com a graça de um felino.

— O pai dele é um Homem Bom cátaro — murmurou Berenger discretamente —, ou é o que dizem. Ele pouco falou de si mesmo, e eu não quis bisbilhotar. — O homem pareceu pensativo. — Os templários têm reputação de seguirem a sua própria via, independentemente de Roma. É um facto bem conhecido que as famílias cátaras enviam os filhos para os templários para serem educados.

Raoul encolheu os ombros, não vendo que importância tinha isso, para além do facto de lhe parecer sempre útil ter um guerreiro por amigo. Pedindo licença, disparou na direcção do jogral cujos olhos se consumiam sobre Claire enquanto cantava uma canção sugestiva que envolvia mãos enfiadas por baixo de capas e alvos corpos nus em prados floridos.

Nessa noite, Raoul dormiu mal. A cama era dura e desconfortável, para além de estarem a partilhar o quarto com vários outros convidados, um dos quais ressonava como o baixo do órgão de uma catedral.

Encostada ao corpo de Raoul, imperturbada pelo ressonar, Claire dormia, embrulhada na sua capa forrada de pêlo para se manter quente. O homem que ressonava voltou-se e o som amorteceu num roncar contínuo, como o ronronar de um gato. Raoul dormitou. A sua mente tornou-se um mosaico de cristal estilhaçado. Pensou ouvir alguém chamar o seu nome à distância e, com um ruidoso grunhido, voltou a acordar. Claire murmurou e enroscou-se contra ele. Raoul observou a escuridão por cima dele, assombrado pela memória da peregrina de olhos cinzentos — sentada no seu banquete de casamento, dançando nos seus sonhos, conduzindo-o por entre fogo e tempestade.

— O que se passa?

— Hum? — Raoul voltou-se para Claire com o olhar vazio de um sonhador. Cavalgavam ao longo das pantanosas margens do Petit Rhône na estrada para Arles. Raoul desejava visitar um armeiro que lhe havia sido

vivamente recomendado por um dos outros hóspedes de Saint-Gilles.

— Perguntei-te o que se passa. Mal disseste uma palavra toda a manhã.

Ele encolheu os ombros e disse cautelosamente:

— Deve ser a falta de sono.

Claire franziu o sobrolho, certa de que aquela ansiedade não se devia à falta de sono. Vira-o nervoso muito antes de se retirarem na noite anterior. Talvez tivesse a ver com o atrevimento do jogral: ela sabia que Raoul ficara ao mesmo tempo orgulhoso e aborrecido com as atenções que lhe tinham sido prestadas. Os seus beijos num canto mais escuro antes de se retirarem tinham sido duros de posse e desejo. Ponderou esta ideia por um tempo, depois pô-la de parte. Se paixão ciumenta fosse a causa, ele estaria agora a prestar-lhe atenção, não a olhar ao longe. Outra ideia fê-la franzir o sobrolho ansiosamente. A conferência em Saint-Gilles acabara em discórdia. E se ele soubesse coisas acerca do resultado que não lhe quisesse contar? Observara-o a conversar com Berenger na noite anterior, ambos parecendo preocupados.

— Raoul...

— Chiu. — O marido ergueu uma mão imperativa.

Claire ficou a olhar para ele, depois também ouviu o som de gritos, o choque de armas. Aproximavam-se de um ponto onde se passava a vau; esses locais eram sempre susceptíveis às emboscadas de salteadores e bandos de mercenários à espera da sua sorte. Era a razão porque Raoul viajava com uma vigorosa escolta de tropas de Montvallant.

— Roland, Ansil, fiquem aqui com as senhoras! — ordenou Raoul juntando os outros homens à sua volta.

— Raoul, tem cuidado! — O coração de Claire começou a bater violentamente. Sabia que provavelmente ele não a ouvira, mas o seu aviso era um talismã que poderia mantê-lo a salvo.

Ele avançou na frente do grupo, mas não tinha percorrido mais de cinquenta metros na direcção do vau quando veio um cavalo a galopar na direcção oposta, com as rédeas soltas. Ele virou para ir ao seu encontro e agarrou o freio. O couro vermelho cortou-lhe os dedos, mas ele agarrou-o com força, guiando o seu cavalo com os joelhos, e conseguiu fazer parar o animal em fuga.

As correias do freio eram douradas; dourados eram também os arreios. A manta da sela era de lã tingida de quermes, o debrum decorado com um padrão de cruces e báculos em fio de ouro, enquanto a própria sela era uma peça sumptuosa, ornada e densamente almofadada.

— Pertence a um padre — disse Giles de Lostange, um dos cavaleiros mais velhos.

— Não apenas um padre. — Raoul reconfortou o cavalo a tremer. Era um vistoso puro-sangue, um alazão com uma marca na face e calçado de branco dos membros posteriores. — Isto não é um cavalo qualquer, e reparem só nos jaezes. Vem cá, Philippe, leva-o à minha senhora.

— Então quem... — começou o cavaleiro, mas foi interrompido pelo trovejar de mais cavalos a galope.

— Atenção, armas! — gritou Raoul. Passou o seu escudo das costas para o ombro esquerdo e enfiou o braço por entre as duas correias de couro mais curtas.

Seis cavaleiros armados apareceram da direcção do rio e estacaram quando viram a tropa de Raoul. Um deles montava um soberbo cavalo castanho, tão elegantemente ajaezado como o alazão — obviamente, uma recente aquisição.

Raoul desprende o elmo da sua sela e colocou-o sobre a cabeça, ajustando-o pelo nasal² decorado. O seu coração a ribombar vibrava-lhe nos ouvidos, opondo-se ao bater dos cascos dos cavalos. Sem hesitações, ele gritou a sua palavra de desafio e esporeou o cavalo ruço escuro, com os seus cavaleiros agrupando-se atrás dele.

Os salteadores declinaram a luta. Voltando as suas montadas, fugiram a galope. O poderoso passo do ruço escuro devorava o terreno, mas os cavalos na frente tinham um grande avanço e em breve se tornou claro que não seriam apanhados.

Na crista de um monte que caía sobre o rio, Raoul desistiu da perseguição e puxou as rédeas. O que viu na descida susteve-lhe a respiração.

— Deus do Céu — sussurrou. Uma mula de carga à solta pastava junto a um cadáver que usava as vestes de um padre. A alva de linho estava saturada de sangue e a casula tinha desaparecido. Dois servidores jaziam mortos ali perto, bem como outro padre e três soldados. Os conteúdos de alforjes estripados espalhavam-se entre os corpos como entranhas colectivas. No pálido céu de Inverno, já os milhafres andavam às voltas.

Raoul aproximou-se mais. A cena lembrou-lhe o bairro dos carniceiros de Toulouse, só que desta vez não estava a olhar para porcos e borregos abatidos, mas para homens.

De narinas a abanar, as orelhas para trás, o cavalo ruço escuro afastou-se de um cadáver. Raoul também se queria afastar, fugir e só parar quando chegasse às acolhedoras paredes douradas de Montvallant. Em vez disso, desmontou para examinar as vítimas.

² Parte do capacete de ferro que protege o nariz. (N. da T.)

— Há um que ainda respira, meu senhor!

Raoul correu por entre a erva remexida para onde Giles se ajoelhou para apoiar a cabeça e ombros de um jovem clérigo tonsurado. Sangue corria-lhe lentamente de um ferimento na barriga e o rosto do homem estava pálido. Giles olhou para Raoul e abanou a cabeça.

— Está a morrer — disse ele em surdina.

Raoul agachou-se. A vítima parecia mais nova do que ele, com uma crise de acne juvenil espalhada pela pele acinzentada.

— O que aconteceu?

As pálpebras do clérigo agitaram-se.

— Os homens do conde Raymond — proferiu ele. — Ele queria... ele queria o meu senhor morto.

— O seu senhor? — Raoul encolheu-se, sabendo o que o homem moribundo ia dizer e não querendo ouvi-lo.

— Pierre de Castelnau...

— Impossível! Raymond nunca mancharia a sua honra com um tal acto!

— Os homens dele... vi-os ontem em Saint-Gilles. — O jovem pendia sem forças sobre o braço de Giles.

Raoul não conseguia falar. Voltou a cabeça e cuspiu. Quando voltou a olhar, o jovem padre estava morto e Giles voltava a erguer-se, a sua capa coberta de sangue.

— Raymond nunca seria louco a ponto de uma coisa destas! — disse Raoul numa voz embargada.

— E quem acreditará nele, mesmo que seja inocente? — Giles baixava-se para limpar as mãos na erva. — Cem testemunhas ouviram-no ontem desejar a morte a De Castelnau. Aqueles homens pareciam mercenários, e Deus sabe que o conde Raymond tem bastantes ao seu serviço.

— E eles vão e vêm com a frequência de meretrizes num bordel público! — retorquiu Raoul. — Olhem para isto; é mais do que apenas assassinato. — Aproximou-se daquele que sabia agora ser o cadáver de Pierre de Castelnau. — Olhem para ele... sem báculo, sem anel... Pelo corpo de Deus, nem sequer tem a batina e a capa! Isto não podia ter sido feito por ordem de Raymond!

Giles levantou-se.

— Talvez — disse ele inexpressivamente, deixando Raoul sem sombra de dúvida de que o outro estava a ser condescendente. Depois o olhar dele mudou de direcção e o homem fez um rápido gesto com a mão.

Raoul girou sobre os calcanhares para ver Claire sentada na sua égua na crista do monte, a observar a cena com olhos apavorados.

— Santo Deus, Raoul...

Sentindo-se como se todo o tutano lhe tivesse sido sugado dos ossos, Raoul ergueu-se penosamente sobre a sua sela e dirigiu-se para ela.

— É Pierre de Castelnau — disse ele. — Foi assaltado e assassinado. Não há nada que possamos aqui fazer excepto mandar uma carruagem da aldeia mais próxima para vir recolher os mortos. Já não os podemos ajudar.

Um trovão soou baixinho à distância. A criada de Claire, Isabelle, murmurava parte da Oração ao Senhor para si mesma, vez após vez, à maneira cátara.

— Livrai-nos do mal, livrai-nos do mal, livrai-nos do mal.

Raoul olhou para as nuvens de tempestade que se acumulavam. O vento começava a soprar por entre a erva, erguendo e batendo as vestes do legado morto, dando-lhe aparência de vida. Ele duvidou que uma voz no meio do nada fosse conter a tempestade prestes a cair sobre eles, tanto cataros como católicos.

*MONTFORT L'AMAURY,
NORTE DE FRANÇA, ABRIL 1209*

Simon de Montfort estreitou novamente os olhos para o proteger contra o vento de Primavera que lhe esbofeteava o rosto e fixou-os sobre o negro volume da fortaleza na sua frente. Uma cavalgada de trinta milhas desde Paris pesava sobre ele e a sua tropa, com um tempo que fora piorando cada vez mais. Estava cansado e magoado pela sela, mas não mostrava nada disto enquanto esperava que os guardas abrissem os grandes portões. Além disso, as notícias que trazia da corte francesa contrabalançavam o seu cansaço e desconforto. A ambição acalentava-o, animando-o enquanto ele entrava no pátio iluminado de tochas e desmontava. Palafreiros ensonados saíram a cambalear dos estábulos para segurar os cavalos. Descalçando as suas luvas, Simon dirigiu-se para o salão, o seu passo acelerando à medida que os músculos endurecidos pela sela começavam a descontraír.

Giffard, o seu escudeiro, erguia uma tocha para conduzir Simon para os aposentos femininos no piso superior; um segundo escudeiro, mais novo, formava a retaguarda. As suas botas ressoaram pelas escadas da torre. Uma mulher encostou-se contra a parede para os deixar passar, a brancura das suas saias interiores iluminando-se de amarelo pela tocha crepitante.

Simon reconheceu Elise, a criada da sua esposa.

— Dona Alais está acordada? — perguntou.

— Sim, meu senhor. Ela mandou-me vir buscar vinho quente.

Ele sentia o nervosismo da mulher, que palpitava como um pássaro encurralado por um gato. Desdenhoso, indiferente, ele deixou-a seguir e entrou no quarto.

Alais estava pronta para o saudar, uma capa lançada à pressa sobre a

sua camisa. O seu fino cabelo castanho-claro estava solto; uns poucos fios a flutuar sob o brilho da vela traíam uma rápida escovadela recente.

— Bem-vindo a casa, meu senhor — disse ela com uma vénia.

Simon fê-la erguer-se e levantou-lhe o queixo com o dedo indicador para lhe estudar o rosto. Os claros olhos cor de avelã e nariz fino, a boca controlada que raramente mostrava qualquer espécie de emoção. Um falcão bem treinado para voar ao chamamento do seu punho.

— Não é por muito tempo — disse ele e, soltando-a, voltou-se para os escudeiros. — Dispam-me — ordenou. — Depois busquem as vossas camas.

Alais atarefava-se a acender mais velas e a colocar mais um tronco na lareira. Simon controlou a sua impaciência enquanto os escudeiros o despiam até o deixar de camisa, calções e meias.

Os jovens saíram do quarto com uma vénia. Elise, tendo regressado com o vinho quente e entregado a garrafa a Alais, foi peremptoriamente dispensada por Simon. Ele era cioso da privacidade daquele quarto. Era o único local onde podia largar todos os seus fardos e, como um homem que desaperta o cinto, deixar relaxar toda a tensão confinada. Há muito que os serviçais tinham aprendido a não se demorar por ali.

Alais apresentou-lhe um copo. Ele tomou-o das suas mãos, sentindo o calor do vinho através da prata, inalando o picante da canela e noz-moscada no vapor. Após um penetrante gole, pôs a bebida de lado. Livre da constrição de olhos indiscretos, puxou Alais contra si e beijou-a avidamente, as mãos ocupadas com os nós da sua camisa.

Simon era um soldado nato, decidido, rápido a agir e a reagir, e impiedoso na perseguição de qualquer objectivo, quer no combate dos infieis no Egipto, quer a manter os seus próprios domínios livre de salteadores ou a satisfazer as suas necessidades físicas após várias semanas de abstinência em Paris. Era perfeitamente capaz da autonegação, mas ele via o seu corpo como uma peça de equipamento; ocasionalmente, tinha de ser inspeccionado e posto em descanso para funcionar eficazmente.

— O que é que queria dizer com esse «não por muito tempo»? — Encorajada pela atitude mais descontraída do marido após o clímax, Alais apoiou-se num cotovelo e inclinou-se sobre ele.

Simon fez um gesto para o jarro.

— Um outro copo não cairia mal. — Com a cabeça pousada sobre os braços, ele admirou-lhe as pernas quando ela saiu da cama para obedecer ao seu pedido. — Fui convidado para me juntar à cruzada contra os cátaros como líder secular do exército.

Ela agachou-se para colocar um ferro sobre o lume. Estava voltada de costas, negando-lhe a face à sua leitura, mas ele viu a mão dela pousar sobre o cabo do ferro, e a sua voz não estava plenamente firme quando ela disse:

— Por quem?

— Arnaud-Amalric, abade de Cister. Embora tenha sido Borgonha quem me recomendou como tendo tudo o que é louvável num guerreiro cristão.

— Arnaud-Amalric não é o legado papal para o Languedoc?

— Sim, desde que Pierre de Castelnau levou com a espada de um assassino pelas costelas. Correrá tudo bem entre nós, desde que ele se lembre que eu é que sou o soldado e ele é o padre.

Alais mergulhou o ferro quente no vinho e levou o copo a fumar ao marido.

Ele olhou-a nos olhos.

— O que se passa?

— Nada — disse Alais rapidamente. — Surpreendeu-me, é tudo. Não há outros senhores que desejariam ter o privilégio de liderar essa empresa?

— De maior categoria, é o que quer dizer? — Ele lançou-lhe um olhar de aviso. — Deixe os duplos sentidos para os diplomatas. Isto não é um privilégio. — Ele levou o copo à boca. — É um aborrecimento. Borgonha e Nevers só querem pavonear-se na frente das suas tropas e exhibir os seus melhores equipamentos de justas. Quando se trata de montar tendas à chuva e erguer cerco a cidades pejudicadas de peste com os mosquitos a morder até à morte aquelas partes que ainda não morreram de tédio, eles vão a correr para o conforto das suas casas.

— Mas decerto que não gosta também desse tipo de vida? — disse Alais, puxando a colcha para cima dos ombros.

— Não, mas eu gosto de um desafio e tenho a resistência de um touro. — Contemplou o copo. — Sou feito para isto, e eles não. Eles são grandes senhores com as dificuldades de administração das suas terras sobre eles; não se podem dar ao luxo de se verem envolvidos para além de um empenhamento simbólico. — Ele rodava o copo pensativamente. — Os exércitos deverão reunir-se pelo solstício de Verão em Lyon. Borgonha traz quinhentos cavaleiros, tal como Nevers, e os contingentes de Saint-Pol e Bolonha serão também substanciais. — Ele soltou um ronco de desdém. — Há sempre milhares a desfilar as suas armas no início de uma cruzada e a fazer valentes discursos, mas menos de um décimo aguenta para além dos primeiros dois meses.

— Então são inúteis?

— Oh, não, eles servem os seus objectivos — disse Simon. — Mas não podem ser usados para erguer a espinha dorsal.

— Fala como se esperasse que fosse uma longa campanha.

Ele encolheu os ombros. A expressão da mulher era neutra, mas ele sentia a sua contrariedade.

— Não se pode apressar um banquete — disse ele —, e o Sul é um festim digno de um imperador. — Ele colocou uma mão possessiva sobre o ombro da mulher. — Ou, pelo menos, digno do senhor de Montfort de Amaury. — A pele dela tinha um brilho sedoso. Ela dera à luz quatro filhos vivos e dois que não tinham sobrevivido. Seios e barriga podiam estar um pouco flácidos de uma tal labuta, mas ela permanecia uma mulher atraente e, a meio dos trinta anos, estava ainda na idade de gerar filhos. Agarrando numa mão-cheia do seu cabelo castanho, ele entrelaçou-o entre os dedos, observando as madeixas adquirirem um tom dourado sob a luz da vela. Depois agarrou-a com mais força e puxou-a sobre si.

— Simon de Montfort, sois um homem ambicioso — disse ela com uma voz rouca. Ele riu contra a boca dela e beijou-a com força antes de a soltar. Havia ainda coisas que ele queria dizer; o mais agudo do seu desejo já fora satisfeito, e ele aprovava a autodisciplina.

— Admita — disse ele. — Se eu fosse o tipo de homem que cobiça a terra, não estaria tão ansiosa por agradar-me.

— Em vez disso, passo meses inteiros sem o ver! — Havia genuíno ressentimento na sua voz.

— Precisaréi que me acompanhe a Lyon para dirigir a minha casa antes de partirmos para as terras de Raymond de Toulouse.

— Ha! — troçou ela. — Agora ando atrás do acampamento!

Simon riu.

— Não tem necessidade de se queixar. O meu pedestal é o seu, e eu sei que o seu orgulho e ambição são iguais aos meus. Além disso — ele inclinou-se para a orelha dela, o seu hálito um quente sussurro —, nem todos os que andam atrás de um acampamento recebem colares de ouro e peças de seda vermelha de Paris pelos seus serviços. — Ele envolveu-lhe os seios com as mãos e acariciou-lhe um mamilo com a ponta do polegar. — Se for boazinha, pode recebê-los antes do pequeno-almoço.

— Não podemos — protestou Alais pouco convincentemente. — Estamos ainda na Quaresma. Na verdade, nem nos devíamos ter deitado juntos há pouco.

— Tenho mesmo estado ausente muito tempo — grunhiu Simon. — Confissão e penitência resolverão o problema do pecado, mas com Quaresma ou sem Quaresma, cumprirá o seu dever para comigo. — Ele continuou a acariciar-lhe o peito. — Pensei que podia levar Amaury nesta campanha comigo. Já tem quinze anos, idade suficiente para a experiência de um cam-

po de batalha. Treino de justas é muito bonito, mas não o fortalecerá como a experiência verdadeira.

— Estou certa de que isso lhe agradará grandemente, meu senhor — replicou ela numa voz apaziguadora.

— Falarei com ele ao pequeno-almoço — disse Simon.

*MONTVALLANT, TOULOUSE,
PRIMAVERA DE 1209*

— Berenger! — Raymond de Saint-Gilles, conde de Toulouse, envolveu o senhor de Montvallant num vigoroso abraço.

— Bem-vindo, meu senhor. — Berenger conduziu o seu convidado ao grande salão, a sua própria saudação temperada de prudência. Berenger e Raymond tinham sido escudeiros juntos e a sua amizade era de longa duração, ainda que com as conotações de suserano e vassalo.

Raymond não deixava que os anos lhe pesassem. Tinha uma boa estrutura óssea e a pele cor de azeitona que a cobria era ainda firme. Caminhava sobre os calcanhares como um atleta e nutria um amor juvenil por roupas e penteados. Dizia-se que os seus caracóis negros mais deviam a uma subtil aplicação de fuligem do que à natureza. Se assim era, a camuflagem era perfeita, pois a pele de fino grão não apresentava quaisquer marcas ou manchas denunciadoras. O seu estilo de vida indolente e o amor dos luxos podiam tê-lo deixado gordo e flácido como uma lesma, mas, em vez disso, na sua túnica vermelha, era magro e vulpino.

Beatrice e Claire serviram vinho aos homens e mandou-se chamar um par de músicos para tocar. Beatrice pediu licença e foi dar as suas instruções aos criados para organizarem uma refeição digna do seu convidado, mas, quando Claire se ergueu para ir ajudar, ela impediu-a.

— Não, minha querida, na tua condição, tens de descansar. Senta-te aí com o teu bordado. Eu arranjo-me perfeitamente sozinha.

— Eu estou bem, mãe — protestou Claire. A gravidez provocara-lhe muito pouco desconforto, até então, mas Beatrice tendia a exagerar.

Sob o pretexto de um ralhete maternal, Beatrice afastou Claire para um lado.

— Eu quero que fiques aqui e ouças o que eles dizem — sussurrou. — Se eu perguntar a Berenger mais tarde, só vamos ouvir metade da história, e alterada para a tornar mais agradável. Eu conheço Raymond de Toulouse há muito tempo. Conseguir atrair os pássaros das árvores, e não por uma boa causa!

Com uma vénia, Claire fingiu ceder à insistência de Beatrice e regressou recatadamente para o seu bordado. Sentiu o olhar curioso de Raoul e corou. Ela nunca fora boa a enganar.

— Depreendo que há boas notícias a transmitir? — perguntou Raymond com um sorriso enquanto se instalava numa cadeira almofadada.

Corando ainda mais, Claire fingiu-se ainda mais ocupada com a agulha.

— No Outono, meu senhor — informou Raoul orgulhosamente.

— Os meus parabéns. — Raymond sorriu, com uma polidez despreocupada. — Terá de me mandar avisar quando a criança nascer.

— Claro, meu senhor.

Raymond baixou o olhar para os seus polegares, fazendo girar um sobre o outro como se a sua rotação representasse o funcionamento externo do seu cérebro. Depois ergueu o olhar para Berenger e Raoul.

— Quem me dera que as minhas notícias fossem tão boas como as vossas.

Berenger disse:

— Já ouvimos dizer que um exército francês está a ser reunido em Lyon com o objectivo de destruir os cátaros.

— Sim — disse Raymond. — Ouviu correctamente.

— E quer que o ajudemos a repelir os franceses?

Raymond brincou com o enorme rubi que adornava um dos seus polegares.

— Não exactamente. Seria mais fácil para mim ficar no meio do mar a mandar de volta a maré com a palma da minha mão. O exército é vasto. Dezenas de milhares, dizem-me os meus informadores, e de todas as partes do Norte e dos Países Baixos.

— Então vamos fazer o quê, afastar-nos e deixá-los fazer o pior?

Raymond parou de brincar com o anel e endireitou-se na cadeira.

— Eu vou tomar a cruz, e estou a aconselhar todos os meus vassallos a fazerem o mesmo.

Berenger olhou fixamente para o seu suserano.

— Quer que pegue em armas contra o meu próprio povo. É isso que está a dizer?

— Não é tão simples quanto isso. — Raymond fez uma careta para

Berenger. — Pode parar de olhar para mim como se lhe tivesse pedido para assar a sua avó em fogo lento.

— Talvez não a minha avó, mas o que é que eu faço com os cátaros nas minhas terras? — As narinas de Berenger agitavam-se. — Talvez gostasse que eu os queimasse a eles.

— Não vai chegar a esse ponto! — O olhar de Raymond desviou-se do de Berenger.

— Ah, não vai?

— O que é que tinha em mente? — perguntou Raoul inexpressivamente.

Raymond voltou-se para ele.

— Resistir ao exército do Norte é impossível. Já apelei para o papa e prometi arrepende-me dos meus caminhos... até cedi à humilhação de chicotadas públicas.

Berenger sibilou entre os dentes cerrados e Raymond olhou-o severamente.

— Sim, Berenger, eu prefiro ser chicoteado pela Igreja como símbolo da minha submissão do que ter os franceses a esmagar-nos a todos. Eu proponho que tomemos todos a cruz. Se nós próprios formos cruzados, então, sob pena de excomunhão, eles não podem tocar nas nossas terras.

— Acha que o papa Inocêncio não vai perceber uma tal manha? — perguntou Berenger com um incrédulo abanar de cabeça.

— É para isso que servirá o açoitamento público. É uma prova de que desta vez estou a levar as coisas a sério. — Raymond encolheu os ombros elegantes. — É inevitável que uns poucos hereges sejam perseguidos, mas podemos ser capazes de deflectir a fúria da cruzada... de Toulouse, pelo menos.

— Deflecti-la para onde? — perguntou Berenger.

— Para Roger de Treceval, claro, para onde havia de ser? — disse Raoul. — As terras dele acolhem duas vezes mais cátaros do que as de Toulouse, e ele é um vizinho demasiado poderoso para o seu próprio bem, ou para o nosso.

Raymond levantou-se.

— Eu dei a Roger Treceval a oportunidade de juntar forças comigo e repelir o exército do Norte, e ele recusou. O que quer que aconteça agora é da sua própria conta. Não queira julgar-me, meu rapaz. Eu tenho de fazer o que é melhor para mim e para os meus.

Berenger suspirou pesadamente e parecia indeciso.

— Pede muito de nós, meu senhor.

— Não o faria a menos que não tivesse outra opção, sabe isso. — Raymond inclinou-se sobre Berenger, a sua voz líqüida e persuasiva. — Pelo

menos, se fizermos parte do exército cruzado, poderemos ser capazes de suavizar o golpe.

— Qual é a força da determinação dos seus líderes? — quis saber Raoul.

Raymond fez uma careta.

— Arnaud-Amalric de Cister é um fanático. Quanto aos soldados comuns, não sei. Estão a ser liderados por um barão insignificante de Paris, Simon de Montfort. Se li a situação correctamente, o grosso do exército marchará até aqui para lançar a sua força por volta da época da colheita e depois voltar para casa. — Os seus olhos negros alternavam entre pai e filho. — É a única saída para este problema, Berenger. Preciso do seu apoio quando falar com os meus outros vassalos. Você é de confiança; eles ouvi-lo-ão.

Berenger olhou para o chão.

— De confiança — repetiu ele, como se estivesse a esforçar-se por perceber a essência de um insulto. Abanou a cabeça. — Não tenho orgulho em dizê-lo, de facto, estou meio convicto de que serei condenado, mas, em nome da nossa amizade, eu dou-lhe o apoio de Montvallant.

Raoul não disse nada, chocado, mas concordando tacitamente com o seu silêncio.

Claire espetou a agulha no tecido e, sem uma palavra, saiu a correr da sala.

Raymond pareceu surpreendido pela sua súbita saída, depois sorriu para Raoul.

— A minha mulher era exactamente a mesma coisa quando estava grávida do nosso filho. A criada costumava andar atrás dela por todo o lado com uma bacia.

— Penso que não é só isso, meu senhor — disse Raoul com uma compostura pétrea, e pediu licença para se retirar.

Encontrou a esposa nas ameias, encostada contra a muralha a olhar para os pomares e vinhas e a fita de prata do rio.

— Apresenta as minhas desculpas ao excelente conde — disse ela numa voz tensa. — Diz-lhe que estou com náuseas; é a verdade: estou nauseada até à alma!

— Eu sei, meu amor, eu sei.

Ela engoliu em seco.

— Raoul, se fores combater os cátaros, eu nunca te perdoarei!

Ele abriu as mãos na direcção dela.

— Eu não tenho qualquer intenção de magoar um único cátaro, nem o meu pai.

— Mas Raymond tem — disse ela com um trejeito nos lábios.

— Estamos encurralados, não vê?

Ela observou as mãos dele, os graciosos dedos aguçados. Quantas vezes os vira envolver o alaúde, extraindo harmonia das suas cordas; quantas vezes sentira essa mesma persuasão no seu próprio corpo. Era uma abominação imaginá-los a fechar o punho de uma espada.

— A única coisa que eu vejo é que o conde Raymond quer que este exército do Norte esmague Roger Trencelval por ele.

Raoul soltou um suspiro exasperado.

— Não ouviste nada do que se disse lá em baixo? Independentemente do que façamos, os cruzados vão descer sobre nós. Não podemos resistir, temos de deflecti-los, e se Raymond perseguir mesmo alguns cátaros, isso é para que outros possam sobreviver. Não gosto mais disso do que tu, mas estamos num impasse.

— Então perseguimos uns poucos pelo bem do conjunto — lançou ela. — E qual dos nossos cátaros deveremos atirar para a fogueira? Isabelle? Pierre, o palafrenero? Que tal aquela velhinha que traz cogumelos ao castelo? — A sua voz gotejava de raiva, e ela viu-o encolher-se como se uma flor lhe tivesse mordido. O olhar no seu rosto apenas a acicatou ainda mais. — Talvez pudéssemos mandar vir Aimery e Geralda; ora aí está uma boa ideia!

— Claire, pára com isso!

— Porquê, a tua consciência está a perturbar-te?

Raoul agarrou-a bruscamente pelos ombros; ela sentiu a força avassaladora dos seus dedos e, através deles, o tremer do corpo do marido.

— Sim — disse ele de dentes cerrados —, a minha consciência está a perturbar-me, e eu estou tão assustado que quero encerrar-me nalgum lugar escondido e escuro e nunca mais sair. Eu não quero vestir uma armadura e empunhar uma espada, mas isto não vai desaparecer só por o ignorarmos. Ah, Deus, Claire! — Ele procurou-lhe os lábios.

Ela respondeu febrilmente, cheia de remorsos pelas palavras que lhe lançara. Estava doente de terror perante a ideia de o ver partir para a guerra. A memória dos cadáveres nas margens do Rhône ainda a assombrava, o sangue, a indecência daquela morte súbita e violenta. Raoul podia ser um cavaleiro, podia ser treinado nas artes da guerra, mas não as pusera em prática e estaria a enfrentar homens com muito mais vasta experiência. A criança que trazia no ventre podia nunca conhecer o seu pai.

— Porquê? — chorou ela. — Porque têm eles de interferir? Que mal lhes fizemos nós alguma vez?

Ele acariciou-lhe as costas e pressionou o rosto contra o dela.

— Deixámo-los com inveja e medo. Eles têm de nos destruir antes de serem destruídos. Tem tudo a ver com poder, e ganância, e medo.

Claire recuou para o fitar.

— Raoul, e os nossos cátaros?

— Terão de adorar menos abertamente do que agora. Podem refugiar-se naquelas velhas cavernas nas colinas sobre as vinhas.

— E os cátaros que vivem nas terras de Roger Trenceval?

Ele pareceu pouco à vontade.

— Faremos o que pudermos. É uma situação difícil, com muito pouco espaço de manobra.

Ela olhou para o marido, pestanejando entre as lágrimas, querendo concordar com ele mas sem o conseguir.

— Voltas para casa? — perguntou ele gentilmente, limpando-lhe as lágrimas com a ponta do polegar.

— Não consigo. — Ela estremeceu de repulsa. — Apresenta as minhas desculpas, Raoul. Na verdade, eu estou nauseada. — Ela soltou-se do seu abraço e saiu das ameias. Ele ficou a segui-la com o olhar, o vento a magoar-lhe os olhos. Quando entrou na torre, o contraste entre a luz brilhante na muralha e o súbito negrume das escadas fê-lo cambalear na escuridão.

— **P**ensas alguma vez regressar à terra da tua mãe? — perguntou Geralda a Bridget. As mulheres estavam sentadas à lareira nos aposentos de Geralda em Lavaur, a esfregar ervas que tinham sido postas a secar no Verão e Outono anteriores e a guardá-las em frascos. Os poderosos e familiares odores da salva e do rosmaninho misturavam-se com as fragrâncias do dictamnó, do junípero e do lírio-dos-vaies.

Bridget esmagou uma folha de salva na palma da mão e fez um sorriso nostálgico para Geralda.

— Por vezes, sim, mas é uma vida que deixei para trás há muito tempo. Era pouco mais do que uma criança quando atravessei o Mar Estreito. — O seu olhar voltou-se para o seu interior. — Gostaria de voltar a celebrar ali o solstício de Verão, entre as pedras erguidas, mas não me parece que isso venha a acontecer. Talvez um dia uma filha minha erga o copo por mim. Espero que sim.

— Não consegues ver essas coisas no futuro? — perguntou Geralda, abertamente curiosa.

Bridget voltou a cara para o fogo que lambia os troncos na lareira.

— Às vezes, mas requer alguma preparação, e nem sempre procuro a visão. É uma espada de dois gumes. Gostaria de conhecer o momento e a forma da sua própria morte?

Geralda ponderou antes de abanar mudamente a cabeça.

— Não — disse Bridget. — Eu também não. — Formando um funil com a mão, deitou a salva em pó dentro de um frasco e estendeu a mão para outro ramo de folhas secas. — Mas ocasionalmente fico demasiado perto disso.

As mulheres não falaram por um momento, as tendências loquazes de Geralda reprimidas pela nota de tristeza na voz de Bridget. Esta usou o silêncio para considerar a direcção da sua própria vida. Desde a morte da sua mãe, deixara-se levar pela corrente, mas um tal estado de coisas não podia durar para sempre. Ela tinha uma obrigação, um terrível dever para com a sua linhagem de gerar um filho. De mãe para filha, a corrente estendia-se, ininterrupta, durante mil e duzentos anos, cada elo reluzente de antiga sabedoria e poder.

Ela vira a forma como os homens a olhavam; não precisaria do uso da persuasão para fazer com que um deles colhesse a sua virgindade e fecundasse o seu ventre, mas ela surpreendia dentro de si uma relutância em dar esse passo irrevogável. Havia vários jovens bem-parecidos nos domínios de Geralda, pertencentes a boas famílias cátaras. Mas eles não apelavam ao seu corpo da forma como o noivo de Montvallant o fizera.

Geralda disse hesitantemente:

— É verdade que descendes de Maria Madalena? É daí que vem a tua capacidade de visão?

Bridget sorriu. Era uma pergunta que ouvia, mais cedo ou mais tarde, de todos os que a ficavam a conhecer.

— Um pouco, talvez, e sim, ela era minha antepassada, ou pelo menos é a história que chego até mim. Nunca encontrará a história dela nas Escrituras.

Ela via que Geralda estava a rebentar de curiosidade, que queria conhecer os pormenores, mas sem saber muito bem como perguntar.

Bridget teve pena dela.

— É bastante simples. Ela casou com Tiago, o irmão do homem a que a Igreja Católica chama o Cristo, e gerou-lhe filhos. Quando o Cristo foi crucificado, ela e a sua família fugiram da Terra Santa para procurar uma nova vida. Vieram para aqui, para estas montanhas, e instalaram-se, por um tempo, pelo menos. Depois começaram as perseguições. Os cristãos não queriam quaisquer reivindicações de parentesco a diminuir o valor do seu Deus, e muito menos reivindicação feminina: mulheres de sangue real que descendiam da Virgem e de Madalena. Éramos blasfemas, tínhamos de ser caçadas e exterminadas. — A sua voz tornou-se amarga. Embora estivesse a falar de um passado distante, a sua visão estava repleta com a imagem da mãe ferida e moribunda. — E assim continuou até hoje.

— Lamento, não devia ter perguntado — disse Geralda com ansioso desgosto.

Bridget encolheu os ombros.

— A ferida está aqui, quer eu fale a seu respeito quer não — disse ela. — Não tem de se culpar. — Ela continuou a esfregar as ervas. — Os descen-

dentos da minha família espalharam-se. Uns instalaram-se nas suas vidas normais e esqueceram a sua herança. O meu ramo da família viajou para norte para viver entre os Bretões e depois atravessou o mar para a Cornualha. A nossa sempre foi uma linhagem feminina, de mãe para filha. Temos o dom da cura, e algumas de nós conseguimos erguer o fogo. — Bridget fechou os olhos e estendeu a palma da mão na direcção da lareira. As chamas ergueram-se, verdes e douradas, como se ela tivesse lançado uma mão cheia de migalhas de pão de açúcar para cima dos troncos.

Geralda olhava, fascinada.

Bridget retirou a mão e abriu os olhos.

— Nem sempre é assim tão fácil. Depende de quão descansada eu estou, da preparação da minha mente. E um fogo já a arder é muito mais fácil do que uma pilha de paus húmidos e folhas. — Ela suspirou com melancolia. — Sou uma das poucas pessoas que restam com este dom. A maioria morreu ou perdeu o conhecimento ao longo das gerações.

Geralda ia começar a falar, depois interrompeu-se e olhou para a porta de olhos muito abertos.

Voltando-se, Bridget viu um jovem cavaleiro templário parado à entrada.

— Luke? — Bridget ergueu-se de um salto, a sua tristeza já esquecida. — Oh, como é bom ver-te! — Correndo pela sala, ela agarrou-lhe as mãos duras e beijou-o na face.

— E a ti também, prima. — O sorriso dele era inseguro, como se não fosse usado com frequência. Aproximou-se de Geralda, que também se erguera e estava a estudá-lo de sobranceiras arqueadas.

— Minha senhora, peço desculpa pela intrusão no seu mais privado domínio, mas o seu camareiro disse-me que a poderia encontrar aqui e fazer-me anunciar.

Geralda inclinou a cabeça.

— Se é conhecido de Bridget, então é bem-vindo — replicou ela. — Prima, foi assim que lhe chamou?

— Sim, minha senhora. O meu pai é Chretien de Béziers. Sei que está a dar-lhe abrigo sob o seu tecto, e a Matthias, o escriba, também.

— Parece notavelmente bem informado — disse Geralda com cáustico divertimento e indicando-lhe que se deveria sentar.

Ele assim fez, verificando, por força do hábito, se podia ver a porta e se tinha espaço para puxar da sua espada. — Comunicamos quando podemos — explicou ele, os seus olhos seguindo Bridget, que regressava ao seu banco.

Ela sentiu a intensidade deste olhar. Como Chretien, Luke estava votado ao celibato. Uma pena, mas ela não o incentivaria a quebrá-lo, por mais adequado que ele fosse como seu consorte.

— O teu pai e Matthias estão a visitar uma das aldeias — disse ela.
— Mas estarão de volta antes do anoitecer.

Luke anuiu.

— Tenho notícias para ti, boas e más — disse ele. Geralda serviu-lhe um copo de vinho. Ele aceitou com cortesia, mas olhou rapidamente para Bridget em busca de orientação.

— Se quiser, eu posso retirar-me — disse Geralda, os seus olhos cheios de reprovação.

— Não, não. — Bridget fez-lhe sinal para ficar. — As nossas novidades são também suas. Luke? — incitou ela.

Ele bebeu, depois pousou o copo sobre a perna.

— As boas novas são principalmente para Matthias. O nosso preceptor em Bezu tem mais alguns documentos para ele traduzir: manuscritos antigos do Outremer, trazidos recentemente por um membro da nossa irmandade.

— E as outras? — Bridget sentiu o calor do fogo queimar-lhe a face. Não ousou olhar para as chamas, com medo de ver mais do que a simplicidade de uma lareira doméstica. Mas, ao afastar a face da lareira, o seu olhar foi aprisionado pelo brilho do vinho na mão de Luke. Escuro como sangue derramado, a cintilar como um rio com cada batida do coração do homem.

— Os cruzados do Norte estão a reunir-se em Lyon. Estamos à beira de uma guerra. Basta um pequeno empurrão para nos lançar sobre o precipício... — Ele fez uma pausa, a sua expressão enchendo-se de preocupação. — Prima? Bridget?

Ela ouvia a sua voz como que à distância, e sentiu o seu toque ansioso no braço, viu a bebida salpicá-lo com o movimento. Sangue de uvas manchou-lhe a mão como uma ferida, caindo sobre o chão, sujando-lhe o vestido.

— Temo que tenhamos já caído — ofegou ela, e cobriu os olhos, querendo conter as visões que a assaltavam.

As estrelas pareciam tão próximas que Raoul sentiu que precisava apenas de estender a mão para as colher no céu. Frias e prateadas, lançavam uma luz azulada sobre as silhuetas dos cavalos perto da tenda onde ele parara para dar ao seu corcel de batalha, *Bausan*, uma mão-cheia de sementes. O cavalo tinha uma pequena luxação numa pata dianteira e Raoul aplicara uma cataplasma que o seu palafreireiro jurara sempre resultar.

A noite estava tão bonita que sentiu um aperto na garganta. Ele queria que a quietude, o silêncio, durassem para sempre. Não queria pensar na

manhã seguinte e na ordem que recebera dos comandantes do Norte para marchar sobre a cidade rebelde de Béziers.

Simon de Montfort não era, como o qualificara o conde Raymond, «um barão insignificante de Paris», daqueles que regressam ao conforto de casa assim que os grãos amadurecem nos campos. No curto espaço de tempo desde que os exércitos do Norte e do Sul se haviam reunido, Raoul vira o verdadeiro calibre do homem e percebera quão gravemente fora subestimado por Raymond. De Montfort sabia como comandar os homens, como coordenar e controlar. Contra a vontade e punho de ferro de De Montfort, Raymond foi exposto como o homem insignificante que era. Apesar de ter cumprido penitência e jurado submissão em Saint-Gilles à Igreja, os líderes da cruzada não acreditaram nem confiaram nele. De Montfort deixara bem claro que se Raymond pusesse um único pé fora da linha, Toulouse seria a próxima cidade a receber a visita do exército do Norte.

Raoul acariciou o pêlo dourado de *Bausan* e olhou à distância, de coração doente. Ele não tinha qualquer desejo de partir para a guerra contra os seus irmãos do Sul por uma causa que comportava tão poucas partículas de justiça ou verdade — uma causa que era uma desculpa para os do tipo de Simon de Montfort pilharem o Languedoc para o seu próprio proveito.

Inclinou a testa contra o pescoço do cavalo em busca de conforto. Apenas duas semanas antes, esse conforto vinha da maciez do ombro e seio de Claire enquanto ela respirava ao seu lado na cama. Vinha dos minúsculos movimentos do filho de ambos que crescia dentro do seu ventre. Vinha da visão de Montvallant contra o nascer do Sol, a sua força e familiaridade. Agora estava separado de tudo isso, talvez para sempre. Quando fechava os olhos, conseguia ver Claire de pé nos portões do castelo, as lágrimas que corriam pelas suas faces, os braços que enlaçavam a sua mãe. Havia, na dor de ambas, mais do que o facto de os seus homens estarem a partir para a guerra. Havia a natureza daquela guerra.

— É como se atacasses um dos teus próprios membros — dissera Claire.

Como se cortasse o próprio coração, pensou Raoul, e voltou-se para observar Arnaud-Amalric, abade de Cister, e o secretário do papa, um monge de nome Milo, a caminharem juntos na direcção da tenda de De Montfort. Alguns homens não tinham coração para cortar.

— Como está o cavalo? — perguntou Berenger quando Raoul regressou à sua fogueira.

— A cataplasma está a trabalhar bem. Amanhã estará pronto para ser montado. — Raoul sentou-se num banco e soltou o cinto da sua espada. Usara aquela espada constantemente desde que se juntara à campanha,

tentando acostumar-se ao seu peso e toque. A familiaridade começara a instalar-se no seu corpo; apenas a sua mente se tolhia.

Ali perto, alguns soldados nortistas jogavam aos dados, disputando os favores de uma prostituta do acampamento, e trocavam um odre de vinho entre eles. A sua língua, tão diferente da occitana, feria os ouvidos de Raoul.

Pai e filho trocaram olhares sem um comentário. Trazer os seus sentimentos ao de cima seria como virar um cadáver para expor uma hoste de vermes a contorcer-se.

— Raymond passou por aqui quando te foste — disse Berenger. — Disse que as tropas de Toulouse vão ser mantidas de reserva. Qualquer ataque das linhas da frente tem de vir dos homens de De Montfort.

— Ordens de De Montfort?

— Sim.

— Não somos de confiança. — Raoul olhou para o seu cinto da espada. As decorações douradas ainda brilhavam, novas e sem desgaste. O que ele não daria agora por uma patina de experiência. — De Montfort não está muito enganado. Eu não acredito que pudesse obrigar-me a atacar com zelo. Se nos couber a tarefa de tomar conta do acampamento e da bagagem, fico aliviado.

— Se fosse deixado à nossa consciência, não estaríamos aqui de todo — grunhiu Berenger. — Não me orgulho de admitir que só aqui estamos para salvar a nossa pele.

— Sendo a nossa pele mais sagrada que a nossa honra — disse Raoul amargamente. — E podemos ainda ter sacrificado ambas. Os cruzados não pararão em Béziers nem com a destruição de uns poucos cátaros. Eles estão apenas a abrir o apetite para o festim que se segue: todo o Sul.

Berenger tirou um cântaro de vinho de uma mesa ali perto.

— Eu suspeito que tu tens razão — disse ele numa voz cansada enquanto enchia os copos e entregava um a Raoul. — Vou embebedar-me até cair, esta noite, porque é a única maneira de conseguir dormir.

Raoul tomou o vinho das mãos do seu pai e ficou a olhar para a sua cor vermelho-sangue. Era uma rude mistura camponesa, tão picante ao palato como vidro partido.

— Quantos copos nos faltam para o esquecimento?

Numa simples cabana de pastor nas baixas encostas de Corbier, Bridget de pôs a mão sobre a testa alagada de suor de uma criança. A tisana de casca de salgueiro fizera o seu trabalho e, sob a sua palma, a pele molhada da criança estava fresca ao toque. Bridget estava consciente do pastor ajoelhado atrás

dela a observar todos os seus movimentos com ansiosos olhos negros, da mulher dele a contorcer as mãos e a morder o lábio.

— Ele vai ficar bem, madona? Vai melhorar?

Bridget deixou a mão pousada mais um momento sobre a testa do rapaz, depois ergueu-se graciosamente e virou-se para os pais.

— A febre cedeu — disse ela com um sorriso cansado. — Ele viverá, mas ainda precisa de muitos cuidados. Eu deixo-vos as ervas de que precisam e vou explicar-vos como as devem usar.

A mãe ajoelhou aos pés de Bridget, beijando-lhe a bainha do vestido, chorando a sua gratidão, chamando-lhe «madona» vez após vez. O pastor agachou-se ao lado do filho e tocou-lhe, para se certificar; depois olhou para Bridget.

— Nunca a poderemos recompensar — disse ele numa voz embarcada.

— Não há nada a pagar — disse Bridget suavemente. — Tal como estas coisas me foram dadas, também eu as dou aos outros. — As palavras tinham-lhe sido ensinadas pela mãe, e eram antiga tradição, mas, de cada vez que as proferia, ela sentia-as sacudir o pó e vibrar.

— Mas, madona, deve haver alguma coisa...

— Nada mais do que uma côdea de pão e algo para beber — replicou ela, sorrindo. — Tenho de partir em breve. — Deixando-os, Bridget baixou a cabeça para sair pela porta baixa da cabana para a aurora. A Lua ainda se via no céu, um fino crescente de prata contra um pálido céu verde-azulado. Borboletas noturnas, como flocos de pálida cinza, pontuavam o ar perfumado de ervas e do mato de Verão.

Bridget inalou profundamente, enchendo o corpo com o ar fresco. Encontrara o rapazinho muito doente, e curá-lo deixara-a esgotada. Precisava de paz e de um tempo sozinha. Chretien estaria ali em breve para a levar de volta para a casa cátara ao fundo da montanha onde tinham ficado na última semana. As novas da sua presença espalhavam-se sempre mais rápido do que o voo de um pássaro. O pastor era primo em segundo grau de uma criada da casa cátara. Agora ela passaria a história da milagrosa cura do seu filho à prima do seu cunhado no vale, que tinha uma doença dos pulmões, e assim por diante. Uma e outra vez, ela sentia-se compelida a dar a sua dádiva aos outros. As pessoas falavam de recompensa e de dívida, mas era ela que pagava de cada vez, como fizera antes a sua mãe.

— Nunca podes recusar aqueles que te procuram em busca de ajuda. — Bridget ainda ouvia a voz de Magda, clara e forte de ênfase. — Podes quebrar o teu corpo, quebrar o teu coração, mas nunca quebrar os teus votos sagrados. — As palavras soaram tão vivamente na mente de Bridget que ela olhou em volta, sobressaltada, quase esperando ver a mãe ao seu

lado ao relento. O horizonte a leste mostrava uma fita de ouro, a Lua tão insubstancial como um fantasma. Os seus olhos cansados captavam apenas o nascimento da manhã. Abruptamente, regressou para dentro da cabana e, com um sorriso para a mulher do pastor, aceitou o copo de leite de ovelha das suas mãos.

*BÉZIERS,
22 DE JULHO, 1209*

Simon interrompeu-se no gesto de envergar a sua coifa para observar a trajectória do bloco de pedra que fora projectado das muralhas do castelo e fazia uma curva descendente na direcção dos sitiados. Caiu no chão muito longe das tropas com um ruído seco, erguendo pó com o impacto. Para além de pedras, os cidadãos de Béziers tinham lançado legumes podres e estrume aos soldados de Simon, todos aterrando a uma grande distância.

— Falharam de novo — disse o seu filho Amaury.

— O que é que isso te diz?

— Que eles não têm máquinas de cerco suficientemente potentes ou a perícia para as usar, senhor — respondeu o jovem confiantemente.

Simon acenou com a cabeça num sinal de aprovação. Amaury era um bom aluno, rápido a aprender, ainda que um pouco carente de conhecimentos, mas isso viria com a maturidade.

— Eles acham que estão seguros — disse —, e essa é a sua maior fraqueza.

Provocações e zombarias choviam dos defensores das muralhas. Na sua maior parte, em occitano, que tinha mais semelhanças com o catalão do que com o francês, mas alguns eram na língua normanda, e inequívocos. Simon sorriu friamente ao ver as orelhas do filho ruborizarem-se.

— Deixa-os ter os seus pequenos prazeres — disse ele. — Em breve estarão a pagar. — Voltou-se para o seu cavalo. O garanhão lombardo era da cor da neve fresca, com crina e cauda como uma cascata de gelo. Simon escolhera o cavalo sabendo que se destacaria no campo de batalha.

— Se as coisas mudarem e me vierem procurar, encontrar-me-ás

com Cister — disse ele a Amaury enquanto se içava na sela e partia a galope pelo acampamento. De vez em quando, ele parava para falar com os soldados, inquirindo a respeito do seu bem-estar, avaliando o seu moral. Uma série de pequenas vitórias ao longo do caminho desde Montpellier e a capitulação de vários senhores menores aumentara a lealdade e respeito das tropas pelo seu comandante. Agora procuravam-no no seu ganhão distintivo, o leão de cauda em forquilha no seu escudo sempre na frente — seguro, forte e vitorioso.

Arnaud-Amalric de Cister, legado papal para as perturbadas terras do Languedoc, estava sentado à entrada da sua tenda a discursar para um pequeno rebanho de agitados homens da cidade que tentavam negociar um acordo que deixaria intactas as suas confortáveis vidas. Com os seus caracóis grisalhos e feições rubicundas, o legado fazia lembrar um querubim decadente. Uma eminência parda, ele queria tanto desta campanha como Simon, e isso tornava-os aliados difíceis e rivais ciumentos.

No meio do ajuntamento, a transmitir a língua do Sul para o benefício de Cister e o seu escriba, estavam dois cavaleiros do séquito do conde Raymond de Toulouse, Berenger de Montvallant e o seu filho, Raoul. Simon olhou-os com desfavor. Eram os típicos espécimes da nobreza sulista — hostis, indignos de confiança, complacentes com a heresia e com tanta aptidão para a luta como a que ele esperaria de um dos seus próprios escudeiros ao fim de um ano de treino. Puxou as rédeas para se deter na frente do pequeno grupo e ficou desdenhosamente divertido ao ver as bem alimentadas caras dos homens da cidade empalidecerem.

— Quais são os progressos? — perguntou, autoritário.

Cister olhou-o com um ar carrancudo.

— Eu bem lhe disse que eles não cederiam... excepto estes poucos, e são de tanta utilidade como uma pilha de lenha molhada! — Fez um gesto de desprezo na direcção dos cidadãos. — Dez mil deles ainda estão atrás daquelas muralhas a desafiar Deus!

Pelo canto do olho, Simon viu o cavaleiro mais jovem cerrar os maxilares e os punhos. Rapaz imprudente, pensou Simon com desaprovação, mas não estava surpreso. Ele sabia como a atitude sulista chocava com os objectivos da cruzada. Muito bem. Como o resto dos seus compatriotas, os senhores de Montvallant teriam de obedecer ou ser quebrados. Ia começar a desmontar, mas quando tinha apenas soltado os pés dos estribos, ouviu um grito e viu Amaury vir a correr na sua direcção.

— Senhor, venha depressa! — A voz adolescente do jovem estava a tremer de alarme e excitação. — Estão a atacar-nos sobre a ponte do rio!

Simon colocou novamente os pés nos estribos e voltou o cavalo num círculo poeirento.

— Mantenha-os sob vigilância! — bradou ele para Cister, indicando os espantados cidadãos, e esporeou o cavalo.

— A atacar por cima da ponte? — disse Berenger, incrédulo. — Estão malucos?

Raoul abanou a cabeça enquanto via De Montfort desaparecer a galope. Estava assustado — e envergonhado por causa disso. Estava também zangado pelo indisfarçado desprezo que vira nos olhos de De Montfort.

Cister deixou os homens da cidade sob guarda e foi vestir a sua armadura, parando pelo caminho para perguntar maliciosamente a Berenger e Raoul se desejavam confessar-se, não fossem ver-se envolvidos na batalha. Os seus olhos cintilavam de malícia.

— Obrigado pela sua atenção, mas preferimos fazer os nossos próprios arranjos — replicou Berenger geladamente. Raoul não disse nada e foi-se embora precipitadamente.

O elemento indisciplinado de Béziers, desdenhoso do exército do Norte, atacara um posto de patrulha do perímetro, lançando fogo a algumas tendas acabadas de montar e matando um estribeiro. Os inflamados trabalhadores do acampamento tinham reagido com vigor à incursão. Agarrando todas as armas que apanharam à mão, improvisando com estacas de tendas e instrumentos de cozinha, tinham lançado um contra-ataque tão feroz que revertera o ataque imprudente dos homens da cidade para o transformar numa debandada de pânico. Quando os habitantes se debatiam para fechar os portões da cidade na cara dos seus inimigos, um cadáver ficou preso na abertura. O punhado de cruzados que forçavam a sua entrada na cidade transformou-se então num fluxo, um rio, e depois uma corrente. Trabalhadores, mercenários e soldados entraram em Béziers, impelidos para a frente pelo ferro e os músculos dos cavaleiros que os seguiam. As forças invasoras inundaram as ruas, carregando tudo na sua frente numa maré de sangrenta destruição.

Com as pernas gordas mal conseguindo equilibrar-se no garanhão de Ardennes, as faces querubínicas afogueadas de exultação, o abade de Cister juntou-se a Simon para assistir à punição da cidade que ousara insultá-los. Simon pousou a sua espada manchada de sangue sobre as pernas.

— Paramos agora esta matança — perguntou ele —, ou damos aos nossos homens carta-branca sobre Béziers?

— O que é que quer dizer com isso? — Cister olhava-o com um ar de incompreensão.

— Os que não são hereges — disse Simon com rebuscada paciência. — Quer que lhes faça um santuário? Quer que os ricos... os que não estão já mortos... paguem um resgate e fiquem em liberdade?

Cister olhou para o corpo degolado de uma mulher estendida perto dos seus cavalos. O sangue espalhava-se pelo quente pó de Verão, dividindo-se para formar intrincados riachos que o recordavam da missão sagrada de que fora encarregue. As moscas dançavam já sobre o cadáver.

— Não — disse ele suavemente. — Mate-os a todos. Deus conhecerá os Seus.

Com deliberado cuidado, Simon limpou a sua espada na coxa e embainhou-a.

— A decisão é sua — disse ele, colocando frontalmente a responsabilidade sobre os ombros do legado. Cister era, afinal, o líder nominal desta cruzada. Simon estava perfeitamente disposto a deixar a matança continuar. Servia os seus planos deixar que a batalha pela primeira cidade principal da campanha escalasse num massacre. Seria mais provável que outros centros de população capitulassem rapidamente se vissem o destino sofrido por aqueles que resistiam. Era útil, no entanto, deixar que Cister arcasse com qualquer culpa que pudesse mais tarde derivar desta decisão. Voltando-se na sela, ele falou para Amaury e os seus escudeiros.

— Transmitam pela cidade a ordem de que não serão dadas tréguas a ninguém, ninguém será poupado. Digam também aos comandantes que quero patrulhas organizadas para impedir pilhagens para proveito próprio. Os ganhos serão justamente divididos quando Béziers for nossa.

— Vem comigo? — perguntou Simon a Cister quando os jovens saudaram e se afastaram para cumprir a sua tarefa. Havia uma ténue ponta de troça no seu tom de voz. — Vamos ver o que ganhámos para a cristandade neste dia?

Raoul esforçou-se por controlar *Bausan*. O cavalo empinava-se e escoiceava, profundamente inquieto pela proximidade dos fogos.

Raoul, o seu pai e as suas tropas entraram na cidade na vaga final, e apenas quando a insistência de De Montfort tornou impossível evitá-lo. De Montfort precisava de homens que não estivessem inteiramente dominados pela sede de sangue e ganância para dominar os outros.

Raoul sentiu-se como se tivesse passado os portões do Inferno. Todos os edifícios estavam em chamas, até as igrejas cujo futuro a cruzada viera supostamente proteger. O fumo ardia-lhe na garganta e obscurecia a sua visão já dificultada. Entre as asfixiantes nuvens negras e ofuscantes lufadas de chamas, ele via os corpos de pessoas atingidas quando tentavam escapar — novas, velhas, mães, pais, crianças. *Bausan* passou delicadamente por cima do cadáver de uma mulher que jazia de barriga para baixo na rua, os

seus braços ainda agarrados ao bebê que ela tentara proteger. Raoul pensou em Claire e no seu filho por nascer.

— Não — disse ele, a sua voz quebrando-se e com ela a frágil armadura do fingimento. As suas mãos estavam tão manchadas de sangue como as do homem que assassinara esta mulher e esta criança.

Mais à frente na rua, o seu caminho estava bloqueado por emaranhados metros de viva seda verde que se derramava de uma porta aberta. Caídos sobre o tecido estavam os corpos de um saqueador e do dono da loja, cada um morto pelas mãos do outro.

Berenger vinha ao lado de Raoul.

— Este é um dia maldito para todos nós — disse ele numa voz amarga e pesarosa.

De uma estreita viela entre as casas, emergiu uma pequena tropa de cavaleiros nortistas. O seu líder, de forte estrutura e olhar duro, puxou as rédeas na frente dos corpos na estrada.

— Vejo que já receberam as ordens — disse ele.

— Quais ordens? — perguntou Berenger.

— Não há tréguas para ninguém. O legado diz que todos devem morrer por nos terem resistido. O saque terá de ser levado para o acampamento, ordens de De Montfort. Quem quer que seja apanhado a roubar para si próprio pagará como esses estúpidos aí. — Fez sinal a um dos seus homens, que desmontou e puxou a peça de seda de debaixo dos cadáveres. Uma mancha vermelha-escura maculava o brilho do tecido.

O chefe soltou um odre de vinho da sua sela.

— Este trabalho dá sede — comentou, oferecendo depois a Berenger e Raoul.

Raoul engasgou-se. Berenger agarrou-lhe o braço e forçou-o a manter-se em baixo.

— Agradecemos, mas temos os nossos — disse ele.

— Não têm estômago para isto, não é? — O cavaleiro bebeu um copioso gole. O vinho transbordou-lhe da boca e escorreu-lhe pelo queixo como sangue. — É melhor comecem a enrijar. Isto é só o começo. — Guardando o odre, ele pousou descontraidamente a mão sobre a espada na sua anca. — Nós tomamos conta disto. Verifiquem o resto das casas.

Os dedos de Raoul tremeram a milímetros do punho da sua própria espada. Sentiu a mão de Berenger apertar-se ainda mais.

— Têm alguma objecção? — perguntou o cavaleiro indolentemente, voltando-se para olhar para a sua tropa.

— Não. — Berenger engoliu em seco e, antes que Raoul pudesse reagir, deu um pontapé na barriga de *Bausan*. O garanhão deu um assustado salto em frente. Berenger pressionou o seu próprio cavalo contra *Bausan*, de

forma que Raoul não teve espaço de manobra e teve de continuar a fugir do potencial conflito ao som das gargalhadas nortistas.

Furioso, voltou-se para o pai.

— Porque é que não lhes lambeu os traseiros, já agora?! — gritou ele.
— Eu tenho vergonha de usar o nome de Montvallant!

A tensão de Berenger libertou-se num único golpe, toda a força do seu braço aplicada na mão que atingiu o rosto de Raoul.

— Não presumas julgar-me, rapaz! — rosnou. — Terias morrido por nada, ali atrás, por um punhado de insultos desprezíveis. E ter-te-iam matado de um só golpe!

Ofegantes, pai e filho ficaram a olhar um para o outro. Um sino que estivera a tocar foi silenciado a meio de uma badalada, e no espaço onde devia ter caído a nota seguinte, Raoul tomou a sua decisão.

— Eu não posso participar neste crime — disse ele inexpressivamente, e deu às rédeas.

— Onde vais? — Berenger fez um gesto para agarrar Raoul, mas falhou.

— Para casa. Se for declarado fora-da-lei, que o seja.

— Raoul, se não pelo amor de Deus, então pelo amor da tua família, pára e pensa! — rogou Berenger. — Estou tão revoltado como tu pelo que está a acontecer aqui, mas é mais uma razão para ficarmos perto de De Montfort.

Recusando-se a ouvir, Raoul continuou a afastar-se.

Berenger esporeou o cavalo atrás dele.

— O que acontecerá a Montvallant se desertares agora? O que será feito da tua mãe e de Claire, e da tua criança por nascer? Queres ver isto acontecer-lhes a elas?

Raoul parou junto aos altos muros de um convento, os nós dos dedos brancos sobre as rédeas.

— Pode ficar com De Montfort, se quiser — disse ele, o seu peito a palpitar. — Deserde-me, crie o meu filho como seu herdeiro. Faça o que quiser, a escolha é sua. Eu estou a dizer-lhe que fiz a minha.

— Escuta, tu não...

De detrás dos muros, ambos ouviram dilacerantes gritos por socorro e vozes nortistas cruas de excitação e luxúria.

Raoul puxou a sua espada. Havia uma porta no muro, normalmente barrada com uma grade de ferro para que as freiras pudessem inspeccionar suplicantes antes de os admitirem nos seus recintos. Neste dia, a porta estava aberta num ângulo descuidado e não havia ninguém que impedisse ou questionasse Raoul quando ele impeliu *Bausan* para a abertura. Os edifícios do convento estavam em chamas. Arcas, repos-

teiros, vestimentas e peças do altar estavam amontoados na frente da residencial. Uma carroça com dois bois aguardava ao lado do saque enquanto uns soldados se atarefavam a enchê-la com as peças escolhidas. As freiras tinham sido conduzidas para um canto e Raoul viu que havia crianças no meio delas, a quem as irmãs tentavam escudar com os próprios corpos.

Um grupo de cruzados às gargalhadas divertiam-se com as mulheres, provocando-as e ameaçando-as com as suas armas e fazendo gestos lascivos. Os gritos de socorro tinham vindo de uma jovem freira que fora separada das suas companheiras. Um homem ajoelhou-se em cima dos seus braços, outro abriu-lhe as pernas. Um terceiro, ao som de ruidosos aplausos de encorajamento, estava a erguer a túnica e a soltar os cordões dos seus calções.

O sangue de Raoul ferveu-lhe nas veias. Desembainhando a sua espada, esporeou *Bausan* sobre os canteiros de ervas do convento e galopou directo ao soldado prestes a cometer a violação. Lançou a sua arma, sentiu-a tocar algo duro, penetrar algo macio e depois chocar sobre osso. Houve muito sangue, mas a sua visão já estava escarlate, e ele mal reparou. Puxando a sua espada, voltou *Bausan* e atingiu o segundo cruzado, que se preparava para saltar sobre ele, e depois o terceiro. Na periferia da sua visão, viu o pai a conduzir as tropas de Montvallant para dentro dos terrenos do convento e a dirigi-los contra os cruzados.

O soldado sentado na carroça fez estalar um chicote por cima das costas dos bois. As bestas deram um salto em frente e as rodas de ferro troaram sobre a terra do pátio. Raoul voltou *Bausan* e pô-lo directamente no caminho dos bois, bloqueando a saída.

O nortista saltou da carroça e fugiu pelo recinto. Raoul deixou-o ir e, desmontando, atou *Bausan* à traseira da carroça. Atirou com os itens maiores do saque, incluindo duas arcas de noqueira entalhada e uma bonita tina de banho oval, e quando tinha arranjado espaço suficiente, sentou-se no lugar do condutor. Ele guiara ocasionalmente carroças de bois em Montvallant na época das colheitas, mas fora um divertimento juvenil, parte das brincadeiras de Verão. Agora, no meio de uma cidade que estava a ser expurgada da face da Terra, ele suava ao virar as bestas num desajeitado círculo e levar o veículo até às mulheres que se comprimiam como galinhas aterrorizadas na capoeira de um carnicheiro.

Berenger desmontara e, com a mão pressionada contra o lado do corpo, estava a falar com uma freira idosa, que parecia ter autoridade sobre as outras.

— Está ferido? — perguntou Raoul.

Berenger lançou-lhe um sorriso estranho.

— Não é nada. Fui apanhado pelo lado de uma espada nas costelas. Cortou-me a cota de malha, mas sem grandes danos.

Raoul acenou com a cabeça, não inteiramente convencido.

— Não podemos deixar as mulheres aqui; sabe o que acontecerá. Se se esconderem na carroça e eu puxar a cobertura, não serão vistas. Se alguém nos deter, eu posso dizer que De Montfort nos mandou poupá-las para entreter as tropas. — Franziu a testa perante a respiração difícil de Berenger. — Talvez devesse também vir lá dentro?

— Não é nada, já te disse! — ripostou Berenger. — Fez-me perder o fôlego, é tudo. — Voltou-se para a freira. — Irmã Margaret, compreendeu o que o meu filho disse? Vamos tentar deixá-las em segurança.

— Sim, meu senhor, eu compreendi. — A sua voz era calma e a sua espinha tão direita como uma lança. — Nós somos da fé cátara — disse ela. — Não sei se isto fará diferença para a sua atitude.

Berenger abanou a cabeça.

— Eu dou abrigo a cátaros nas minhas próprias terras. Não tenho nada contra a vossa religião.

— Nós temos uma casa de abrigo em Narbonne — disse ela. — Podemos procurar refúgio ali, assim que estivermos fora da cidade. — O seu lábio inferior tremeu subitamente e ela fez um esforço determinado para o impedir. — Embora só Deus, na Sua bondade, saiba quanto tempo estaremos seguras por lá. Como podem pessoas que se intitulam de cristãs fazer uma coisa como esta?

— É como se intitulam, não o que elas são — disse Raoul da carroça. — Quer falar com as outras? Temos de partir rapidamente.

Ela acenou num gesto afirmativo e voltou-se para as restantes freiras e as crianças a seu cargo.

— Agora somos, de certeza, foras-da-lei — murmurou Berenger. — Irão perseguir-nos tanto quanto a estas pobres mulheres.

— Ainda pode partir — disse Raoul defensivamente. — Não me intrometerei no seu caminho. — Berenger abanou a cabeça num gesto exaustivo.

— Não posso. Estou agora tão cativo da minha consciência como tu. — Virou-se para montar o seu cavalo, mas, quando agarrou as rédeas, parou e conteve a respiração.

— Senhor? — Raoul soltou as rédeas e correu para ele, alarmado. O rosto de Berenger estava cinzento de dor.

— Eu estou bem — disse ele, embora fosse patente que não estava. — Aquele último golpe rachou-me uma costela, é só isso. Tu conduzes os bois, eu faço a escolta. Vá, apressa-te! — Cerrando os dentes, conseguiu içar-se sobre o cavalo.

A ansiedade de Raoul estava longe de ser apaziguada, mas não havia tempo para insistir e, com um único olhar sobre o ombro para o seu pai, voltou a subir para a carroça e acicatou os bois com a sua voz e o chicote.

Com Berenger a liderar metade dos homens de Montvallant na frente da carroça e Roland a comandar a retaguarda, a pequena tropa emergiu do convento para a cidade a arder. Os edificios desmoronavam-se sobre si mesmos, cuspidos chamas e fumo. Os animais corriam selvaticamente, loucos de terror e dor; tal como as pessoas até serem detidas por espada ou lança, por maça, pau ou adaga. Nos portões da cidade por onde os cruzados tinham irrompido, uma dúzia de guardas tinham montado um posto para assegurar que quem quer que saía de Béziers o fazia de modo legítimo e pertencia ao exército cruzado.

Duas lanças cruzaram-se no nariz da montada de Berenger, barrando a saída.

— Onde é que pensam que vão? — perguntou o sargento, olhando para o grupo e a carroça com desfavor.

Berenger encolheu os ombros indiferentemente.

— Mandaram-nos levar estas mulheres ao acampamento para o prazer dos soldados. — Fez um gesto para a carroça e, quando a sua mão desceu, pousou sobre o cabo da sua espada. — Ordens do senhor De Montfort.

— Mulheres para as tropas? — O soldado ergueu as sobrancelhas. — É a primeira vez que ouço falar disso. Os rapazes têm todas as saias de que precisam lá em baixo. Não recebi ordens para deixar passar uma carga dessas por estes portões.

— É uma remessa especial para os comandantes do senhor de Montfort. — Berenger olhou por cima do ombro para Raoul, que retirara a mão das rédeas e estava a estendê-la devagar mais para baixo.

— Vamos lá então dar uma vista de olhos. — O sargento aproximou-se da carroça, afastou a cortina e olhou para o monte de mulheres e crianças lá dentro. — Isto não é... — começou ele, mas não continuou. A faca de caça de Raoul entrou pela extremidade inferior do elmo do homem e perfurou-lhe a garganta. O sangue esguichou, vermelho e quente. Raoul pontapeou o corpo em convulsão para fora da carroça e atirou a faca para o meio das mulheres com a tensa ordem de que a usassem se fosse necessário. Depois agarrou no seu escudo, desembainhou a espada e preparou-se para combater os outros.

Para cima, para baixo, esquivar, golpear, voltar e fortalecer o pulso, apresentar escudo, pé esquerdo à frente, direito atrás. Ele sabia isso tudo das lições aprendidas no recinto das justas e nos ocasionais torneios em que participara. Mas sabê-lo não era nada sem a experiência do derradeiro teste

da guerra. A sua respiração começou a arranhar-lhe na garganta. O seu adversário estocou por baixo, tentando atingir-lhe a perna e o joelho. Raoul deu um salto. A lâmina tocou-lhe, fazendo-o cambalear, mas a sua cota permaneceu intacta. Fez um contra-ataque, também apontando às pernas. O escudo do soldado aparou o golpe, mas Raoul usou o seu escudo para bater na face do homem e depois ergueu a espada novamente, desta vez numa estocada para cima entre as saias da cota de malha.

O soldado caiu, mas o grito de agonia que se ouviu não saiu dos seus lábios. Raoul voltou-se a tempo de ver o seu pai a ser puxado do cavalo para o chão por um dos guardas do portão.

— Não! — rugiu Raoul, e correu para interceptar a espada descendente do inimigo. Aparou o golpe do homem com o seu escudo e deu uma estocada forte e por baixo. Sangue negro começou a escorrer e o seu adversário dobrou-se sobre a barriga. Raoul cobriu o corpo do pai e, a rosnar como um lobo, afastava com a espada todos os que se aproximavam.

Depois Roland e Giles chegaram e os guardas que remanesciam recuaram. A rua estava súbita e estranhamente silenciosa, para além dos ruídos distantes dos fogos e das escaramuças. Raoul deixou cair as suas armas e ajoelhou-se ao lado de Berenger. Agora com toda a delicadeza, removeu o elmo do pai. O rosto de Berenger estava cinzento, os seus lábios e pontas das orelhas azuis. Sombras roxas aprofundavam-lhe as órbitas e o seu rosto estava marcado pela dor enquanto ele se esforçava por respirar.

— Onde é que estás ferido? — Febrilmente, Raoul desatou o capuz da cota na garganta.

Berenger moveu a cabeça de um lado para o outro.

— Não consigo respirar... — ofegou ele. — O meu peito...

A irmã Margaret desceu da carroça e tocou Raoul suavemente no ombro.

— Ponha-o na carroça — murmurou ela. — Tenho comigo algumas ervas e remédios que podem ajudá-lo um pouco. E a oração também lhe pode fazer bem.

— Oração! — Raoul cuspiu a palavra como se fosse veneno.

— É o homem que viola a palavra de Deus — repreendeu-o ela. — A oração ainda se eleva acima das trevas.

Raoul mal a ouvia, toda a sua atenção sobre o pai que estava agora inconsciente.

— Roland, pega-lhe nas pernas, ajuda-me a erguê-lo para a carroça — pediu ele.

Cuidadosamente, ergueram Berenger e colocaram-no entre as mulheres. A irmã Margaret subiu também para junto do homem ferido e inclinou-se sobre ele para o ajudar.

Raoul limpou a combinação de lágrimas e suor à manga de pele do seu gibão e voltou para o assento da carroça, consciente de que ainda tinham de passar os postos avançados exteriores de De Montfort e entrar na segurança das terras entre Narbonne e o inferno do que fora antes uma orgulhosa cidade chamada Béziers — e de que podiam ainda todos morrer.

*A PRECEPTORIA TEMPLÁRIA DE BEZU,
VERÃO DE 1209*

A residencial da preceptoria templária de Bezu era espaçosa e confortável. Foi um grato porto de abrigo para Bridget, que passara as últimas semanas a seguir Chretien e Matthias de aldeia para aldeia, a viver em cabanas, cavernas, fortes abandonados e clareiras de florestas. Ali, pelo menos, poderia descansar um pouco e renovar as suas energias.

Uma acolhedora lareira, uma enxerga acabada de fazer com lençóis de linho e bons cobertores de lã eram um luxo incomparável. Um templário idoso recebera-os e, quando tinham arrumado os seus poucos pertences e lavado o pó dos pés, levou-os a jantar com o prior.

A refeição foi simples mas substancial — legumes cozidos com queijo, servidos com um molho ácido, pequenos pãezinhos estaladiços e dourados, cortados no topo, e um bom vinho para acompanhar. Bridget foi convidada a partir o pão e a abençoá-lo antes de comerem. O prior podia ser o chefe de uma preceptoria de monges guerreiros celibatários, mas os templários sempre tinham reconhecido nas suas mais secretas cerimónias que a Deusa viajara pela terra muito antes de Deus. Ela era Ishtar, Ísis e Astarte, ela era a Virgem Maria e Madalena. Se os templários eram celibatários, isso era por respeito pela deidade, não por medo da corrupção.

Bridget sentiu o poder da sua crença cair-lhe sobre os ombros como um manto invisível. Para os camponeses das montanhas, ela era simplesmente uma curandeira, para a Igreja católica era tão perigosa que buscavam a sua morte, para os templários, era a descendente de Madalena e da Virgem, alguém a ser reverenciado. *E para mim?* Perguntou-se ela enquanto comia e bebia. *O que sou eu para mim?*

Quando a refeição terminara, o prior trouxe um cofre de madeira

de cedro para a mesa e abriu-o com uma chave que usava pendurada ao pescoço presa por uma corda.

— Desde a última vez que aqui estiveram, outro livro chegou às nossas mãos. — As suas palavras eram dirigidas principalmente a Matthias. — Enquanto aqui permanecem, talvez queira fazer uma cópia. — Com infinita veneração e cuidado, retirou do cofre um pequeno códice encadernado a couro.

Matthias, com igual veneração, pegou-lhe com a sua mão intacta e ergueu-o à luz. A capa era feita de pele que fora fortalecida com papiro e gravada com minúsculas cruces douradas, cada uma inserida dentro do seu círculo. Desatou o fio enrolado à volta do livro. As páginas eram feitas de papiro colado em duas camadas para formar uma superfície de escrita macia e resistente. A caligrafia era um grego perfeito, embora não estivesse escrita na língua grega, mas copta.

Chretien olhou-o, curioso, mas não iluminado pelo fervor que transfigurava Matthias. O seu próprio dom era para a oratória, para transmitir uma mensagem simples a pessoas simples, para destilar a essência de obras como aquela em algo que elas podiam entender.

— O que é que diz? — perguntou.

O dedo anelar da mão mutilada de Matthias tremeu ao longo de uma linha de escrita antiga.

— É um Evangelho. — Ergueu os olhos para Bridget. — A vida de Maria Madalena.

Fez-se um silêncio que durou mais tempo do que aquele necessário para as reverberações do nome proferido se fundirem na textura do aposento.

Bridget observou o pequeno livro gasto. Talvez contivesse entre as suas páginas a prova para os outros de que as suas ancestrais tinham efectivamente vivido e respirado. Mas isso era algo que ela sempre soubera e, ao contrário de Matthias, não tinha necessidade de provar. Além disso, alguma coisa estava gravemente errada. Embora fosse uma noite de Julho e o ar estivesse morno como leite novo, sentia frio. A voz de Matthias, que seguia cuidadosamente o seu dedo ao longo das letras coptas, parecia vir de uma grande distância, e quando ela olhou para ele, o ar entre eles estremeceu como que com fumo.

— E Maria Madalena, seguidora do Salvador, começou a temer grandemente pela sua vida e a vida das suas filhas, pois eram perseguidas pelo seu íntimo conhecimento d'Ele, e por ensinar o Seu nome entre os povos. E assim fugiram à noite da sua casa e chegaram com o seu irmão José de Arimateia à costa de Brigantium, onde foram socorridas.

Todos se sobressaltaram com uma forte pancada na porta. O prior em

pessoa foi abrir e Matthias fechou rapidamente o livro, um olhar de medo no seu rosto. O momento de tensão dissipou-se quando o prior murmurou palavras de boas-vindas e afastou-se para admitir o jovem cavaleiro templário Luke de Béziers. O seu rosto estava cinzento, apesar da pele bronzeada, e as suas roupas vinham carregadas com o pó de uma dura cavalgada.

— Luke? — Bridget ergueu-se da sua cadeira para o cumprimentar, os seus olhos cheios de preocupação.

— Béziers caiu para De Montfort — anunciou ele, e o seu olhar arrastou-se de Bridget para Chretien como se fosse um peso morto. — Houve um massacre... Estão todos mortos, e a cidade está em chamas.

Bridget conteve a respiração, e a sensação que experimentara antes transformou-se em gelo nos ossos. Mesmo antes de Luke ter proferido aquelas palavras, ela soubera o que ele ia dizer, pois colhera as imagens na sua mente. Viu Chretien levar as mãos ao rosto. Béziers fora a sua cidade por mais de trinta anos, antes de ele tomar o caminho cátar, e as suas raízes ainda lá se encontravam.

— Lamento — disse Bridget, de lágrimas nos olhos. — Tenho tanta pena. — E foi pôr os braços em volta dele.

Nessa noite, deitada na sua enxerga, a Lua cheia iluminando-lhe o cobertor, os pensamentos de Bridget voaram na direcção de Raoul de Montvallant, algo que não acontecera desde que deixara Geralda em Lavaur. Houvera tempos em que se perguntara se o destino o escolhera para ser o pai da sua criança, mas, à medida que passavam as estações e os seus caminhos não se cruzavam, ela afastara-o para o fundo da sua mente e começara a contragosto a procurar por outros lados. Agora, vividamente, via o rosto dele outra vez. Recordou a sua visão nas ameias de Montvallant, a onda de chamas e a espada sangrenta. Ele estivera em Béziers, disso tinha a certeza, mas o efeito que isso tivera sobre ele não conseguia saber — a não ser que o procurasse. A ideia fez acelerar o sangue nas suas veias. Viu novamente o seu vigor, o azul-mar dos seus olhos, a fita branca do seu sorriso. Ele não estava morto, ou o espaço que ele ocupara ao fundo da sua mente estaria vazio, e ela sentia-o abrir caminho pela sua consciência.

Bridget fechou os olhos e relaxou o corpo, a sua mente concentrando-se na força de vida de Raoul de Montvallant.

Berenger abriu os olhos. Ao princípio havia apenas escuridão, mas, gradualmente, começou a tomar consciência da luz e das sombras lançadas por uma pequena lamparina a óleo. Feixes de luz do luar penetravam por uma

portinhola empenada e enfeitavam o cobertor aos pés da cama. O ar estava abafado do calor de Verão e o quarto foi invadido por um som estranho e assustador. Lentamente, começou a perceber que era o som dos seus próprios pulmões, a trabalhar com cansados mugidos.

Onde estava? Não reconhecia nada, nem castelo nem acampamento. Era esfaqueado pela dor a cada inspiração. Parecia ter um peso esmagador no centro do seu peito. Debateu-se com a sua memória, mas estava tão cheia de buracos como um velho cobertor demasiado usado.

Algo se moveu na sombra que rodeava a sua cama, uma forma mais escura, as suas roupas a sussurrar. Por um instante, experimentou puro terror, quase esperando ver uma caveira e uma foice em dedos descarnados como nas danças de morte pintadas nas paredes das igrejas. Mas depois a luz da lamparina caiu sobre um rosto e reconheceu a irmã Margaret, a quem ele e Raoul tinham resgatado do massacre em Béziers.

— Onde estou? — A sua voz era um fraco sussurro. — Onde está o meu filho?

Ela entrou mais plenamente no seu campo de visão. Uma corrente de prata cintilava contra o seu vestido azul-escuro. Da corrente pendia um pequeno medalhão com a forma de uma pomba.

— Está no convento de Madalena, às portas de Narbonne — respondeu ela. — O seu filho e os seus cavaleiros estão também aqui alojados. Ele não quis deixá-lo senão após forte insistência, mas percebia-se que necessitava de repouso. Eu fiquei de vigília em seu lugar.

Berenger esforçou-se por manter a sua visão focada, mas tinha as pálpebras tão pesadas como as ferraduras de um corcel, e o peso no seu peito era o do próprio corcel.

— Beba. — Ela inclinou-se sobre ele e levou-lhe um copo aos lábios. — Vai dar-lhe alívio.

Ele conseguiu dar dois ou três pequenos goles. A mistura era tão amarga que ele tê-la-ia cuspidos se para isso possuísse forças.

— Há quanto tempo aqui estou? — Voltou a deixar-se cair sobre as almofadas, exausto. A lâmpada tremeluzia e o aposento iluminava-se e escurecia alternadamente como um coração desordenado.

— Chegámos aqui a meio do dia, após dois dias na estrada.

Ele franziu o sobrolho, tentando recordar-se, mas não conseguiu.

— Só uma vez fomos parados — acrescentou ela —, e, misericordiosamente para nós, eram soldados de Toulouse e deixaram-nos passar. As únicas pessoas que encontrámos depois disso foram refugiados.

Berenger fechou os olhos. Que local na Terra estava a salvo de De Montfort e Cister? As montanhas semeadas de cavernas de Ariège e Cévennes? A Catalunha? A Lombardia? Montvallant e Toulouse, não, certamente.

Talvez, como a sua própria vida, a vida do Sul estivesse a esgotar-se, toda a cultura, cor e intelecto assassinados pelo vento gelado do Norte. A poção que ela lhe dera amortecera a sua dor, mas ele não era tolo para acreditar que tinha melhorado. Precisava de lutar por cada fôlego e a sua visão estava agora cada vez mais enevoada.

— O meu filho — murmurou ele. — Por favor, pode ir buscá-lo?

Ela pousou o copo numa rude arca de madeira, o seu olhar subitamente ansioso. Com um breve aceno, ela saiu apressadamente. Berenger cerrou os olhos e manteve-se agarrado à vida pelas cansadas pontas dos dedos.

— Senhor?

A voz era tão jovem e assustada que o trouxe de volta da ponta do precipício. Forçou-se a abrir os olhos, a olhar, talvez pela última vez, para o seu filho. O rapaz estava macilento e sujo de sangue — não, já não era um rapaz, mas um homem. A transição pelo fogo. Engoliu em seco e tentou recuperar o fôlego para o que tinha para dizer.

— Tens de retornar a Montvallant imediatamente... cuidar das nossas defesas. A tua mãe e Claire... retira-as de lá se ocorrer o pior.

Raoul acenou com a cabeça, as lágrimas fazendo os seus olhos cintilar.

— Partimos de madrugada. — A sua garganta apertou-se e ele baixou o olhar para os punhos cerrados.

— Não te atrasarei. — A boca de Berenger contorceu-se. — Se eu tiver a desconsideração de durar para além do nascer do Sol, terás de deixar-me...

— Senhor...

— Fazemos agora as nossas despedidas... — Berenger tentou erguer-se da almofada para enfatizar o que dizia à medida que as suas últimas forças se escapavam. — Diz... diz à tua mãe que recorde os bons anos que tivemos... não a amargura dos últimos...

Raoul inclinou a cabeça e chorou então abertamente, não apenas pelo seu pai, mas por tudo o que julgara garantido e se perdera agora pela sangrenta destruição da guerra.

Berenger ergueu uma mão e tocou o cabelo colado de suor numa despedida terna e cheia de mágoa.

— Toda a minha vida... — sussurrou ele —, tentei ser um bom cristão... Eu penso... agora... no fim... quero receber o *consolamentum*.

Raoul olhou para cima, os seus olhos alargando-se. O *consolamentum* era, entre outras coisas, a versão cátera dos últimos sacramentos. Purificava e preparava o crente para um plano mais alto e era apenas tomado pelos sérios devotos e pelos moribundos para quem a austeridade, o celibato e a

dieta sem carne não constituíam grandes desafios. Mas, para um católico, era o caminho para a danação eterna.

— Fala a sério?

Mais uma vez Berenger sorriu.

— Eu vi... a luz. — Não tivesse sido o sussurro tão fraco, teria contido uma ponta de ironia. — A freira... trá-la agora.

Estupefacto, Raoul recuou de junto da cama. Berenger nunca mostrara mais do que um interesse passageiro na fé cátara. Talvez, porque não podia receber os últimos sacramentos de um padre católico, estivesse em busca do conforto de outra forma de ritual. Ou talvez fosse um acto final de desafio.

A irmã Margaret aguardava à porta, lendo um usado exemplar do Novo Testamento.

— Acabou? — perguntou ela a Raoul quando este emergiu do quarto do doente.

Atordoado, ele abanou a cabeça.

— Ele quer receber o *consolamentum* — disse numa voz sufocada, e fez-lhe um gesto na direcção da porta aberta. Depois viu a expressão da freira. — Não está surpreendida?

Ela fechou cuidadosamente o livro e ergueu-se.

— Já o vi muitas vezes. A proximidade da morte abre os nossos olhos espirituais.

Raoul invejou a crença e serenidade que iluminavam o rosto da mulher. A sua própria alma era um baldio de amargura e incerteza. Ela entrou silenciosamente no quarto do seu pai. Esfregando as mãos sobre os olhos cansados e o queixo por barbear, Raoul deixou-se cair na cadeira que ela deixara e olhou inexpressivamente para a porta exterior na sua frente. Uma cortina fora puxada sobre ela para impedir a entrada do vento. Uma capa de lã pendia de um gancho na parede. Por baixo, uma pilha de cestos descuidadamente empilhados inclinava-se para um lado. Um par de tamancos de madeira aguardava junto à ombreira da porta. Vulgares objectos de camponeses que lhe falavam da vida vulgar que mais parecia um conto num livro do que a presente realidade. A realidade era o ardor no seu corpo sovado e sujo, o sangue seco na sua capa e cota de malha, o grito aterrorizado do pesadelo de uma criança enquanto viajavam para Narbonne na carroça de bois sob a noite estrelada. A vida do seu pai que se desvanecia...

Ouvia a freira a murmurar, mas a voz do seu pai era tão fraca que as respostas não conseguiam transpor a porta. A noite de Verão estava abafada e opressiva, sem ar que arrefecesse o seu corpo suado e pegajoso. Pressionou a manga contra a testa quente e os olhos a arder.

A cortina na entrada subitamente agitou-se e a porta abriu-se. Ele

olhou para cima com pouca curiosidade, depois entesou-se de terror, pois a porta que se abria e a cortina que fora erguida sobrepunham-se a uma porta ainda fechada e uma cortina que pendia, imóvel, até ao chão.

— Pela vida de Jesus! — gaguejou quando uma luz começou a brilhar à sua volta. Ele queria dar um pulo da sua cadeira e fugir, mas estava paralisado pelo brilho branco. Uma fresca brisa com odor a ervas soprou-lhe o rosto e cabelo.

E depois ela estava ali com ele, aureolada pela luz — a mulher do sonho, com o cabelo preto a esvoaçar ao vento e os olhos fixos nos seus. Raoul encostou-se mais contra as duras costas da cadeira, tentando fundir-se com a madeira. Ela usava uma pálida camisa, e em volta do seu pescoço havia um cordão vermelho que segurava um pendente circular. Ele conseguia ver cada filamento do seu cabelo, poderia ter estendido a mão para os tocar, não estivesse rígido de susto. Ela olhou para ele e depois para dentro dele. Raoul gritou, mas o som ecoou dentro da sua cabeça, nunca pronunciado.

O olhar da mulher atravessou-o para entrar no quarto do doente, onde a irmã Margaret se debruçava sobre a cama.

— O seu pai juntou-se à Luz. — A sua voz era compassiva. Ela estendeu a mão. Ele não sentiu o toque no seu rosto, mas percebeu o fluxo do seu poder que o percorreu, restaurando-lhe o equilíbrio e energia.

Depois ela desapareceu. A porta aberta fundiu-se com a sólida porta fechada. Um resíduo leitoso de luz permanecia ainda no ar. Raoul engoliu em seco. A sua garganta ardia. Precisava urgentemente de uma bebida, de preferência um poderoso vinho gascão. Teriam os cátaros alguma coisa do género com eles, ou considerariam tal coisa decadente? Ergueu-se. Embora se sentisse com frio e a tremer, a fadiga cessara de queimar por trás dos seus olhos e os seus membros já não pesavam de tensão e exaustão.

Entrando na alcova, sabia o que ia encontrar mesmo antes de a irmã Margaret se voltar para lho dizer, e nem ficou surpreendido ao ver que na morte Berenger estava a sorrir.

Bridget reentrou no seu corpo. Experimentou uma sensação de solavanco quando essência e carne se tornaram uma só novamente e se sentiu de súbito aprisionada pelo peso dos ossos aninhados em carne e quente pele viva. Pressionando as mãos contra os ásperos lençóis de linho, sentiu as hastes da palha do colchão. Agitava-se e dava voltas, os seus pensamentos cheios com a imagem de Raoul de Montvallant. Vira a profundidade da sua dor e confusão, e soube que podia ajudá-lo. A sua consciência recordou-lhe que havia outros igualmente necessitados do seu auxílio, senão ainda mais.

— Mas certamente que, por uma vez, tenho o direito de escolher — murmurou ela quando, voltando-se para a janela cerrada, esperou que o amanhecer abrisse caminho por entre as ripas das portadas.

*MONTVALLANT,
JULHO DE 1209*

— **E**aqui, minha senhora, eu tenho uma pedra-de-águia que veio do Cataio, um talismã que alivia garantidamente as dores de parto. — Com um brilho astuto no olhar, o vendedor ambulante ofereceu à inspecção da mulher uma pedra castanha com a forma de um ovo. O cume da oval tinha quatro garras de águia de ouro encastradas, às quais o anel fora soldado. Pelo anel passava uma fita de seda para que a pedra-de-águia pudesse ser atada ao pulso no momento de necessidade.

Beatrice pegou nele e olhou-o com curiosidade.

— Pedi uma destas coisas a Berenger quando estava para ter Raoul — disse ela a Claire —, mas, sabe como são os homens, ele estava sempre a esquecer-se. Quando se lembrou, já era demasiado tarde. — Passou-o a Claire.

— Quanto quer por ele? — perguntou Claire, tentando não parecer demasiado interessada.

O vendedor nomeou uma soma ultrajante e justificou-a repetindo que a pedra tinha viajado toda a rota da seda desde o Cataio, a terra onde os dragões ainda deambulavam à vontade. Expandiu-se nesse tema. A história era interessante e as mulheres necessitavam gravemente de distracção das suas preocupações. Claire ofereceu-lhe menos de um terço do que ele pedia e revirou a pedra nas suas mãos. Era fresca e macia, agradável ao toque, e o seu interior piscava com minúsculos pontos de ouro.

Estava no sexto mês da sua gravidez e o bebé já se movia há várias semanas, as primeiras pequenas palpitações tornando-se cada vez mais sólidas a cada dia. Ela fizera vestidos novos para acomodar a barriga e, como uma ave faz o ninho, começara a reunir os artigos necessários para o parto

e a maternidade. Devia ser um tempo de antecipação e prazer, à medida que os enjoo e a fadiga dos primeiros meses davam lugar a uma poderosa calma paciente, mas Claire estava frequentemente perturbada.

Sentada no caramanchão a coser panos para enfaixar, imaginava o seu bebé, pequeno e indefeso, por vezes com os olhos azuis-marinhos de Raoul, outras com os seus próprios olhos castanhos; rapaz, rapariga, louro, moreno. Mas depois o medo rebentava a sua frágil bolha e os seus pensamentos tomavam outra direcção mais inquietante. Estaria Raoul de volta por altura do parto, se é que voltaria de todo? Qual seria o futuro de ambos? Sabia que uma mulher grávida devia ter pensamentos benignos e plácidos e não acolher preocupações, se queria uma criança saudável e vigorosa, mas que hipóteses tinha, se vivia permanentemente à beira de um abismo?

Haviam recebido ocasionais missivas de Raoul e Berenger, mas qualquer uma delas continha apenas trivialidades rotineiras, nada de consequente. Claire e Beatrice tinham assumido por aí que não havia nada a relatar ou, mais sinistramente, que os homens estavam a mantê-las na ignorância para impedir que se preocupassem. Se assim era, Berenger e Raoul estavam enganados, pois as mulheres apenas se preocupavam ainda mais. Tinham ouvido rumores de lutas entre o exército do Norte e as forças de Roger Trenceval, vindo as suas informações de homens sem qualquer fiabilidade, como aquele vendedor itinerante. A última coisa que tinham ouvido dizer fora que os cruzados estavam a marchar para Béziers. Desde aí, fizera-se silêncio. Agora havia silêncio. Claire percebeu com um salto que o vendedor olhava para ela com expectativa.

— Desculpe, o que foi que disse?

— Minha senhora, eu ofereci-lhe a pedra-de-água por oito moedas de prata.

Era um bom preço? Ela não sabia, e olhou de relance para Beatrice em busca de orientação.

— Seis e nem mais uma! — retorquiu Beatrice. — Eu não acredito em dragões.

O vendedor soltou um suspiro exagerado e abriu as mãos.

— Que posso eu fazer? Ainda tenho uma longa caminhada até Toulouse e entretanto ainda tenho de comer e comprar couro para os sapatos. É boa a regatear, minha senhora.

— Não diga disparates! — retorquiu Beatrice. — Mas, em consideração pela sua imaginação fértil, pode descansar aqui esta noite. O meu mordomo vai pagar-lhe, dar-lhe de comer e mostrar-lhe onde pode dormir.

— Obrigado, minha senhora. — O vendedor fez uma floreada vénia, primeiro a Beatrice e depois a Claire. — Que possa dar à luz um belo e saudável rapaz — acrescentou, piscando-lhe o olho.

Sorrindo a despeito de si mesma, sabendo que ele era um farsante, Claire agradeceu-lhe e voltou-se para as escadas, tencionando ir guardar a pedra-de-água no seu cofre. Não tinha dado mais de dois passos quando se deteve e olhou para a porta do salão. O seu coração começou a martelar-lhe no peito.

— Raoul! — Pegando nas saias, correu pelo salão e lançou-se nos braços do marido, puxando-lhe a cabeça para junto da sua, beijando-o, a chorar.

Os braços dele fecharam-se à sua volta e sentiu-o enterrar o rosto contra a sua face e pescoço. Sentiu-o tremer; ouviu-o gemer o seu nome, e, quando ele a libertou, ela ficou chocada com o que viu. Ocorreu-lhe que aquilo era o que deveria ser o seu aspecto quando fosse idoso, uma assustadora visão do que estaria para vir quando ele tinha apenas vinte e três anos. Os seus dedos captaram alguns pedaços de fio partido na sua capa, e ela viu que a cruz dos cruzados que ele tão relutantemente ali cosera fora arrancada.

Passado um momento, ele afastou-a gentilmente, a sua atenção virando-se para a mãe, que estava a observar a entrada dos cavaleiros no salão, o seu olhar procurando cada vez mais freneticamente. Claire levou a mão à boca quando percebeu o que a expressão no rosto de Raoul significava.

— Não — sussurrou. — Oh, Deus, não!

— Onde está o teu pai? — Beatrice voltava-se para Raoul, a sua postura tão rígida que se tornava quebradiça e Claire quase podia ver pequenas peças começarem a estilhaçar-se pelas pontas.

— Mamã... — Raoul deu um passo na sua direcção, com a mão estendida.

Ela ignorou os gestos. Alguns cavaleiros tinham entrado no salão transportando uma liteira coberta com um pano mortuário, e ela ficou a observar com um ar atordoado a sua aproximação, os seus olhos cada vez maiores.

— Não, não é verdade — disse ela numa voz baixa e rouca, e começou a recuar, abanando a cabeça. — Não, não, não! — O som ergueu-se num sinistro gemido prolongado que fez erguer os pêlos no pescoço de Claire. Antes de ela ou Raoul a conseguirem alcançar, Beatrice voltara as costas e corraera a cambalear para as escadas da torre, ainda a gritar.

Mordendo o lábio, Claire olhava entre o marido e a sogra, sem saber qual deles mais necessitaria dos seus cuidados. Após uma hesitação, seguiu Beatrice.

Raoul esfregou o rosto e voltou-se para os cavaleiros, que baixaram os olhos.

— Levem o senhor Berenger para a capela — disse ele penosamente.

Endireitando os ombros, foi atrás das mulheres, sabendo que quanto mais se fogue da morte, mais depressa ela nos alcança.

Beatrice caíra num sono inquieto, induzido pelo xarope de papoila com vinho que Claire lhe dera.

— Foi o coração que se quebrou — disse Raoul numa voz baixa, à cabeceira da cama. — Ele nunca teve um momento de doença antes de esta guerra o quebrar.

Claire olhou-o. Ele contara-lhe muito pouco, apenas que o corpo do pai não resistira à tarefa de ter de conduzir o exército sob o calor do Verão, mas ela sabia pela sua expressão que ele lhe estava a esconder a verdade.

Já conseguira persuadi-lo a lavar-se e comer. Desnudado da sua armadura, barbeado e com uma túnica de linho azul vestida, ele parecia-lhe quase familiar, mas não era ainda o Raoul que aprendera a amar e confiar durante os dois anos do seu casamento. Um estranho de rosto duro entrara na sua casa vindo de Béziers. Quando lhe tocara nas mãos, ela sentira o ímpio estigma das bolhas causadas pelo uso da espada, e, ao estudar o interior dos seus olhos, encontrara-os vazios.

Ele afastou-se do lado da cama para se aproximar do espesso vão da janela.

— Não teve um fim rápido nem fácil — disse ele. — Durante mais de dois dias assisti à sua morte e sabia que não podia fazer nada, que, se a verdade fosse conhecida, ele estaria melhor morto.

Claire viu a mão de Raoul fechar-se sobre a pedra, viu a pressão que ele estava a exercer, e sentiu medo. Deu um passo em frente, tencionando oferecer-lhe conforto, mas, antes de o alcançar, ele começou a falar numa voz baixa e clara.

Todos os detalhes da campanha de Béziers saíram de dentro dele como sangue de uma artéria cortada. Chocada, Claire escutou o registo de morte e violência, violação e assassinio, e sentiu a sua mácula penetrar-lhe a alma. Ele falou dos homens que matara, e ela ouviu o amargo triunfo no seu tom. Um líquido ardente encheu-lhe a boca. Sufocada, correu para a retrete e vomitou. Quando regressou a tremer para o quarto, a mão de Raoul fechara-se sobre a dourada parede de pedra, e ela soube que o seu marido era, de facto, um estranho.

*MONTVALLANT,
OUTONO DE 1209*

Estava um calor selvagem e as tempestades demasiado distantes para refrescarem o ar. Até as espessas paredes de pedra de Montvallant estavam mergulhadas no calor. As folhas de lódãos, faias e plátanos contorciam-se contra um céu tão azul e duro como uma pedra preciosa, o ar tão parado que o mais pequeno sopro agitava a atmosfera.

Raoul estava deitado na cama no seu quarto — não o mesmo que partilhara com Claire durante dois anos. Esse fora-lhe vedado nos últimos meses, à medida que a hora se aproximava. Ela fechara-se com as suas criadas, a mãe e as parteiras; com tiras de enfaixar, pedras-de-águia e todos os rituais que rodeavam o parto. O único item que faltava naquela clausura era ele mesmo, e Raoul suspeitava que a omissão era propositada.

Ficou a olhar fixamente para a tira de céu emoldurada pelas contorções das arcadas da janela. Azul, sólido, opaco. O que acontecera à promessa? Recordou o dia do seu casamento, de quão bela lhe parecera Claire, de quanto a desejara. Os cátaros acreditavam que o Inferno era o presente, que a terra em si era uma jaula que continha o espírito aprisionado, e Raoul começava a acreditar que isso era verdade. Apenas não tinha uma crença suficientemente profunda para abraçar essa visão de todo o coração.

Irritado com o rumo dos seus pensamentos e com o calor húmido e pegajoso, voltou-se impacientemente na cama. Talvez fosse mais fácil depois de o bebé nascer. Talvez a focagem numa nova vida curasse a lacuna causada pela morte do pai... Talvez ele fosse um louco, a desejar a Lua...

Para a sua mãe, a morte de Berenger representara uma ferida na alma, e ela retirara-se para dentro de si mesma, a dor devorando a sua substância e deixando apenas uma casca incapaz de suportar os golpes da vida diária. Recentemente, ela vestira o simples vestido azul de um crente cátaro e começara a passar cada vez mais tempo a ler os livros em vernacular que eram enviados por Geralda de Lavaur. Claire, aliviada por ela se estar a interessar por alguma coisa, encorajara-a e fora, por seu turno, encorajada. As suas mulheres, a sua família, recolhiam a um santuário interior que era só delas e

fechavam-lhe a porta na cara. Não saberiam que também ele sofria? Ou talvez, por causa do que acontecera em Béziers, ele já não fosse bem-vindo.

O seu peito ergueu-se e caiu contra a sua camisa molhada. Fechando os olhos, desejou que a outra mulher viesse ao seu encontro. Por vezes ela vinha, uma sombra efémera que roçava os seus sonhos. Sentia sobre si os olhos dela, as pontas dos seus cabelos, o toque leve das suas mãos e a sua mente percorrer a dele como suaves pontas de asas. Tais sensações nunca eram mais do que uma torturante saudação. As suas visitas eram imprevisíveis e intermitentes, e mesmo enquanto o confortavam, também o perturbavam.

Ultimamente, negado ao seu leito matrimonial, ele começara a imaginar mais do que apenas os seus olhos e cabelo. Deu por si a conjurar em pensamentos as mãos dela sobre partes mais íntimas do seu corpo, a boca dela pressionada contra a sua. Uma vez, em desespero, meio fora de si, ele visitara um dos seus antigos antros de solteiro em Toulouse. A prostituta mostrara-se experiente e divertida. Homens jovens com mulheres em reclusão eram clientes frequentes nos lupanares que tinham abjurado nove meses antes. Aliviado, mas não descontraído, Raoul não voltara mais.

A guerra continuava impiedosamente contra as terras de Trencelval. Carcassonne caíra após um breve cerco quando os seus poços secaram sob o calor do Verão. Ao contrário de Béziers, os seus cidadãos tinham sido poupados, quer cátaros quer católicos, mas tinham sido forçados a deixar as suas casas e bens aos seus vencedores. O conde de Trencelval fora levado como prisioneiro e definhava numa cela fria e húmida sob as ordens de Simon de Montfort, o seu herdeiro um menino de dois anos.

Narbonne mantivera-se intacta purgando os seus próprios heréticos, entre eles as freiras que Raoul e Berenger tinham resgatado de Béziers. Todas as mulheres haviam perecido, queimadas no poste pelas suas crenças. Foi no dia em que Raoul ouviu essa notícia que visitou mais tarde o bordel. Depois de a prostituta terminar, ele bebera até à inconsciência. Mas quando acordara naquela cinzenta madrugada, nada mudara. Pensava que a sua infância morreria em Béziers, mas enganara-se. Morreria num bordel em Toulouse, com um odre vazio caído no chão.

Raoul olhou para a sua cota de malha pendurada num suporte do outro lado do quarto, com os rebites brilhantes de uma forte escovagem numa barrela de areia e vinagre. A sua espada estava encostada ao lado contra a parede, o cinto enrolado em volta da bainha. Sombrios companheiros. Todos os dias praticava no recinto dos torneios, desenvolvendo músculo, aperfeiçoando técnicas. Saía diariamente a cavalo para patrulhar a zona e examinava as defesas do castelo em busca de sinais de fraqueza. Por vezes, a sensação de futilidade esgotava-o — ele era David a enfrentar Golias e já

não acreditava em milagres. Noutras ocasiões, era a sua fúria que se sobrepunha, e ia fermentando com uma tal violência que ele já não se reconhecia, mas, no entanto, ao retroceder, ele ficava com um crescente resíduo de autopercepção a que se agarrava como um homem a afogar-se numa costa estranha.

Sentando-se, ele despiu a camisa molhada, enrolou-a numa bola e usou-a para limpar o corpo húmido. O seu olhar regressou à espada, ao pomo de ferro e o seu punho de vermelho entrançado e seda amarela. A forma e as cores palpitavam ao seu olhar, e a parede atrás da arma dissolveu-se num branco vazio. Ao canto da sua visão, também a sua cota estava a pulsar, lambida por línguas de chamas prateadas. Sentindo o gosto do medo na sua garganta, ele deixou-se ficar imóvel, incapaz de desviar o olhar.

Clara e distintamente, uma voz disse ao seu ouvido: «Os destruidores estão a chegar; acautela-te.» Por um fugaz momento, no pomo da sua espada, como um reflexo num espelho distorcido, ele viu uma vinha e homens a cavalo embrenhados num combate. Depois, tão subitamente como tinha aparecido, a visão sumiu-se e a atmosfera pareceu aquietar-se. A dor no seu peito lembrou-o de que precisava de respirar. Os seus olhos tinham ficado abertos durante tanto tempo que estavam a lacrimejar. Ouviu lá fora o brado de um escudeiro irritado e a descarada resposta do seu aprendiz, mas ele sabia que não imaginara a voz da mulher a murmurar-lhe ao ouvido. Ele fora atraído à sua cota e espada, e avisado.

Voltando a vestir a camisa amarrotada, abriu a porta de rompante e gritou pelo seu escudeiro.

Quando se dirigiu ao quarto de Claire, foi admitido com algumas cautelas pela sua criada. Viu os olhos de Isabelle escancararem-se ao reparar no facto de que ele estava armado. Sem uma palavra, ele passou por ela e entrou no quarto. Duas parteiras e várias mulheres que ele não reconheceu para além de saber que eram cataras observaram-no com um misto de curiosidade e medo. Que o senhor do castelo entrasse naquela câmara vestido com a sua armadura significava problemas demasiado perto daquele abrigo.

Beatrice estava ajoelhada na frente de uma arca a separar roupas, e Raoul notou como estava magra. As suas ancas eram duas ossudas elevações contra o negro vestido matinal, e o tecido estava agarrado em pesadas pregas pelo seu cinto.

Claire estava sentada perto da estreita janela em arco, a abanar-se com um leque e a ler. Não usava véu nem touca, e as suas tranças tinham sido presas no alto da cabeça para lhe deixar a nuca fresca. Ele viu a graciosa curva do seu pescoço, as pequenas madeixas soltas de cabelo castanho-claro, e o seu coração encheu-se e transbordou.

Quando ela o viu, levantou-se de um salto com uma pequena exclamação de surpresa e pôs o livro.

— Porque é que estás com a cota vestida? O que se passa?

— Nada, espero eu, mas suspeito que pode haver um grupo de batedores nas nossas terras.

— Suspeitas? — Ela estudou-lhe o rosto. — Foi a patrulha que deu o aviso?

— Pode-se dizer que sim. Preciso de ir ver por mim mesmo. — Agarando-a pelos ombros, puxou-a contra o seu peito e ficou gelado quando a sentiu recuar ao contacto com os frios nós de metal da sua cota. — Repêlles-me agora? — perguntou ele. — Quando estou a tentar proteger-te?

— Não é de ti que eu fujo, mas daquilo em que te estás a transformar! — respondeu ela em lágrimas. — Eu vejo-te brandir a tua arma no pátio. Vejo o olhar no teu rosto, e temo que não sejas diferente deles.

— Se tivesses estado com eles, não serias tão intransigente — disse Raoul com amargura e, soltando-a, dirigiu-se para a porta antes que dissesse outras coisas de que pudesse mais tarde arrepender-se.

Mordendo o lábio, Claire observou o seu passo duro. Antes de ele chegar à porta, ela chamou:

— Raoul, tem cuidado.

Ele parou, respirou fundo.

— Tu também — disse ele sem olhar para trás.

Ela viu-o sair, de garganta apertada, as costas doridas da postura rígida. A porta fechou-se atrás dele. Inundada por uma terrível sensação de perda, ela começou a chorar, os seus soluços arrancados do mais fundo de si. As mulheres aglomeraram-se à sua volta, falando-lhe, tentando confortá-la. Ela sentiu o seu amor e preocupação, mas isso não significava nada, e ela apenas chorou ainda mais. Sentiu uma estranha sensação de rebentamento na sua pélvis e jorrou água por entre as suas pernas, ensopando-lhe o vestido. O seu útero parecia ter sido atado por dentro com uma centena de nós apertados.

— O bebé vem aí — gritou uma das parteiras. — Rápido, levem a minha senhora para a cama!

A breve sombra das faias deu lugar ao mais escasso abrigo da sombra das oliveiras retorcidas, negros ciprestes e azinheiras à medida que os cavaleiros de Raoul se afastavam do castelo e das suas vinhas e campos de cevada. Dirigiam-se para leste na peugada da patrulha de Roland, que saíra na sua inspecção diária das terras de Montvallant. Excrementos de ovelhas, secas e a esboroar-se, eram pisadas contra a erva mordida pelos cascos dos cavalos

de passagem. O aroma de tomilho e orégão esmagados enchia o ar. Margaridas e saponárias jorravam das fendas no solo. O céu vergava com o calor.

— Meu senhor, tem a certeza de que estamos a ir bem? — Giles cavalgava ao seu lado. — Não seria melhor voltarmos para norte?

Raoul não respondeu, concentrando-se em vez disso em guiar *Bausan* sobre o terreno cada vez mais difícil. Mais acima na encosta, sobre o caminho que percorriam, havia algumas cavernas bem escondidas de um escrutínio casual e que ele sabia estarem actualmente ocupadas por um grupo de cátaros itinerantes.

— Acreditas em premonição? — perguntou, abruptamente.

O cavaleiro pareceu surpreendido.

— Nunca pensei nisso — disse ele, e passou a manga pelo rosto a gotear. Após uma pausa, olhou de relance para Raoul. — Porque pergunta?

— Ouvi uma voz no meu ouvido e vi Roland a ser atacado. — O tom de Raoul era coriáceo. Ele não ousava confiá-lo à emoção.

— Quando?

— Mesmo antes de vos chamar.

Giles murmurou suavemente entre dentes. Se fosse um cão, os seus pêlos ter-se-iam eriçado.

— Por vezes os escudeiros assustam-se uns aos outros contando histórias dessas depois da hora de recolher — disse ele num tom desaprovador.

Raoul fez uma careta. Agora que começara, não podia parar, mesmo que Giles não fosse um ouvinte compreensivo.

— Quando ela me revelou coisas pela primeira vez, pensei que estava a enlouquecer — confessou ele —, mas depois essas coisas aconteceram. Na noite do meu casamento ela veio até mim num sonho e mostrou-me Béziers em chamas. E vi-a novamente quando o meu pai estava a morrer, só que dessa vez eu estava bem acordado. E ela tocou-me.

— Ela?

Raoul fez um sinal afirmativo.

— Há um brilho à sua volta, como se estivesse cheia de luz.

Giles estremeceu.

— Já ouvi falar de demónios em forma feminina que sugam a alma de um homem através das suas partes baixas enquanto ele dorme — disse ele em tom duvidoso. — Talvez esteja possuído. Devia falar com um padre.

O lábio de Raoul enrolou-se.

— Preferia permanecer possuído do que deixar que um desses corvos enfiasse as garras na minha alma!

— Um cátaros, então.

Raoul fez um gesto impaciente.

— Deixa — disse ele. — Tu não compreendes.

Continuaram num silêncio de pedra até chegarem a uma encruzilhada no caminho. O da esquerda dava para as cavernas, transformando-se em pouco mais do que um caminho de cabras e desvanecendo-se antes de atingir o cume. O da direita descia para o vale, usualmente um cenário tranquilo de vinhas e campos cultivados, irrigados por um ribeiro que contornava as colinas para se juntar ao Tarn. Nesse dia, essa tranquilidade era maculada pelo brilho das armaduras e o choque das armas enquanto a pequena patrulha de Roland lutava contra uma batida mais numerosa de cavaleiros e soldados a pé.

Giles olhou de lado para Raoul.

— Santo Jesus — murmurou, e benzeu-se.

Raoul puxou a coifa da cota de malha sobre o capuz acolchoado, atou-a e afivelou o elmo. Sentia um aperto na barriga, mas a sensação não era tão intensa como fora noutras ocasiões. A experiência era como ter outro gume na lâmina da sua espada. Não que a espada fosse a sua primeira arma. O ataque inicial seria lançado a cavalo e com todo o poder de uma lança de três metros e meio.

Raoul empunhou a arma, pousando-a sobre a coxa e ao longo da pálida crina de *Bausan*. Depois fê-lo empinar-se sobre as patas traseiras e enterrou as esporas.

— Por Béziers! — uivou, e carregou em frente.

A força de ataque atingiu o grosso da luta e dividiu-a. O cavaleiro que Raoul escolhera voou da sua sela, perfurado pela lança como um frango num churrasco. Raoul puxou a arma para a libertar e voltou-se para enfrentar um homem que o desafiava à direita. O seu adversário aparou a ponta da lança ensanguentada com o escudo e cortou-a com a sua espada, estilhaçando o cabo.

Raoul deixou cair a lança partida e puxou da sua espada. Depois atacou, fintou, e feriu o braço do oponente até ao osso. O cavaleiro tentou recuar da luta, mas Raoul continuou, erguendo-se nos estribos para fazer descer a sua espada e terminar tudo. O homem caiu da sela e o seu cavalo fugiu. Raoul agitou as rédeas sobre o pescoço de *Bausan* e esporeou-o para o fazer regressar ao grosso da batalha.

Os torrões de terra seca e palha erguidos pelos cascos dos cavalos transformavam o ar numa poeirada sufocante. Ele deu por si a enfrentar um homem mais velho, poderoso e experiente na batalha. O choque dos golpes que choviam sobre o seu escudo lançou ferozes ondas de dor pelo braço de Raoul acima. Ofegante, ele comandou *Bausan* com as pernas. O cavalo obedeceu, e um golpe que devia ter arrancado o braço de Raoul pelo ombro atingiu o vazio.

Enquanto o cavaleiro estava ainda em desequilíbrio pelo golpe falhado, Raoul retribuiu o ataque com dois rápidos movimentos que não provocaram quaisquer sérios danos. Com a visão a pulsar de vermelho e estrelas negras, Raoul redobrou os seus esforços. O cavalo do adversário tropeçou sob a investida e o cavaleiro foi atirado da sela e pisado.

O suor cegava os olhos de Raoul. Sentia a pulsação trovejar nos seus ouvidos. Engoliu ar, incapaz de o absorver suficientemente depressa para servir os pulmões esfomeados, e no entanto não ousava parar para descansar. Ardia-lhe o braço que segurava a espada; o seu escudo pareceu-lhe de chumbo quando ele comandou *Bausan* com os calcanhares, voltando-o mais uma vez para o terrível centro da disputa.

— Por Béziers! — gritou novamente, lembrando a si mesmo o que estava em jogo, e forçou a sua vontade para além dos limites do próprio corpo. — Por Montvallant!

Deu por si de pé nas ruínas de um campo de cevada, a espada manchada de sangue vivo e coalhado na sua mão, a capa salpicada e o elmo no chão aos seus pés. *Bausan*, o seu cavalo castanho pesenho molhado de suor, estava a refrescar-se no ribeiro com as outras montadas. O campo estava pejado de cadáveres, vários homens de Montvallant entre eles.

Mais à frente no campo, um par dos seus soldados tinha feito um prisioneiro. Raoul engoliu, mas a sua garganta estava tão seca que se sentiu sufocar. Antes de poder beber, teve de pousar a espada. O estado da arma fez o seu estômago revirar-se, mas ele forçou-se a limpar a lâmina no restolho de cevada antes de a esconder dentro da sua bainha.

Os soldados chegaram com o seu prisioneiro, um cavaleiro de meia-idade que exibia uma densa barba cinzenta e bigode para compensar a falta de cabelo na sua cabeça. Usava uma capa carmesim e amarelo brilhante, e o cinto da sua espada era extravagante e de mau gosto. O cavaleiro fez primeiro uma vénia, depois endireitou-se.

— Eu sou o senhor Giroi de Saint-Nicholas, comandante de um grupo de reconhecimento ligado ao exército de Borgonha — disse ele. — Verá que valho bem o resgate.

Raoul endireitou os ombros.

— Isso é o que veremos — disse ele com uma voz fria. — Eu sou Raoul, senhor de Montvallant, e esta é a minha terra. Quero saber quem é, de onde vem e porque estava a pilhar as minhas terras e a atacar os meus homens como um salteador comum? Eu sou um vassalo do conde Raymond de Toulouse, não de Trenceval.

— Recebi ordens — disse Giroi de Saint-Nicholas. O seu crânio brilhava com as gotas de suor.

— De Borgonha?

O cavaleiro pigarreou.

— O senhor está numa lista de conhecidos rebeldes compilada pelo nosso comandante, Simon de Montfort. Diz-se que se tornou traidor em Béziers, que ajudou uns hereges a fugir e, com isso, assassinou outros cruzados.

O queixo de Raoul contraiu-se.

— Quantos cátaros De Montfort permitiu que saíssem em liberdade de Carcassone em troca de moeda e propriedade? — perguntou. — Mais do que o miserável número de mulheres e crianças que eu salvei, de certeza!

O prisioneiro encolheu os ombros

— Eu só repito o que se diz de si.

— E fez todo este caminho para pilhar as minhas terras por causa disso? — Raoul arqueou uma sobrancelha incrédula. O cavaleiro não tinha, de facto, homens suficientes para ser a guarda avançada de um exército sitiante, e ele não podia imaginar o grande conde de Borgonha a montar cerco a uma cidade menor como Montvallant quando havia cidades maiores ainda a conquistar. — Julga-me merecedor de uma tal atenção?

— Estávamos a viajar para norte e precisávamos de provisões.

— Para norte?

— Sempre foi assumido que o nosso conde regressaria a casa depois de os cátaros receberem uma lição — disse Giroi com defensiva dignidade.

— Uma lição que aprenderam muito bem, mas não da maneira que vocês esperavam — replicou Raoul, a sua mente a revolver a notícia interessante de que Borgonha abandonara o terreno. Então já começara. O grande exército do Norte regressava a casa para o tempo frio.

— De Montfort fica, e não ganhará nada em erguer a espada contra ele — disse o cavaleiro, como se lesse os seus pensamentos.

— Oh, eu conheço bem De Montfort — disse Raoul, o seu lábio enrolando-se enquanto ele voltava a montar *Bausan*. O comandante do Norte trabalharia eficientemente, fossem quais fossem os números do seu exército, mas teria de haver limitações. O Inverno ofereceria ao menos uma pausa ao acochado Sul, talvez até uma oportunidade para se reagrupar.

— Ele já não é apenas senhor de Montfort L'Amaury — acrescentou Saint-Nicholas, enquanto era cortesmente agraciado com uma montada, apesar de as suas mãos permanecerem bem atadas. — Agora é Visconde de Béziers e Carcassone, e estará a iludir-se a si mesmo se pensa que a Casa de Trencival voltará a governar. Aconselho-o a fazer a paz com ele antes que seja demasiado tarde.

Raoul sentiu a boca inundar-se de um gosto amargo.

— A paz da sepultura — disse ele com aversão. — Isto nunca foi uma guerra santa, a não ser que os deuses fossem os da posse e do poder. — Deixando o cavaleiro de Borgonha, trotou para a cabeça da sua tropa. O seu corpo doía da violência da batalha e a sua mente tornara-se uma lâmina embotada, tentando serrar assuntos que não tinha capacidade para cortar.

Quando chegou a Montvallant, as sombras adensavam-se. Raoul irrompeu pela ponte levadiça e entrou no pátio exterior do castelo. Serviçais, bem como outros membros da guarnição e várias esposas, acorreram para saudar o regresso dos soldados. A criada de Claire, Isabelle, estava à espera de Raoul, os seus olhos negros a brilhar com as novidades.

— Meu senhor — disse ela, aproximando-se dos seus estribos quando ele se preparava para desmontar. — Tendes um filho.